

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

**WESLEY GOMES COSTA**

**“I WAS INNOCENT WHEN YOU SAID I WAS EVIL”:**

a denúncia à demonização das pessoas queer por igrejas  
ultraconservadoras no álbum musical *Hold The Girl* (2022) de Rina Sawayama

**PARNAÍBA**

**2025**

**WESLEY GOMES COSTA**

**“I WAS INNOCENT WHEN YOU SAID I WAS EVIL”:**

a denúncia à demonização das pessoas queer por igrejas  
ultraconservadoras no álbum musical Hold The Girl (2022) de Rina Sawayama

Monografia apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Prática de Pesquisa do curso de Licenciatura Plena em Letras-Inglês, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Alexandre Alves de Oliveira, sob orientação da Professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

Linha de pesquisa: Estudos Literários

**PARNAÍBA**

**2025**

C837w Costa, Wesley Gomes.

"I was innocent when you said I was evil": a denúncia à demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras no álbum musical Hold the Girl (2022) de Rina Sawayama / Wesley Gomes Costa. - 2025.  
60 f.: il.

Monografia (graduação) - Licenciatura em Letras - Inglês, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Canções. 2. Estudos queer. 3. Heterossexualidade compulsória. 4. Cisheteronormatividade. 5. Hold The Girl (2022). I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 420

**WESLEY GOMES COSTA**

**“I WAS INNOCENT WHEN YOU SAID I WAS EVIL”:**

a denúncia à demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras no  
álbum musical *Hold The Girl* (2022) de Rina Sawayama

Monografia apresentada como trabalho de  
conclusão da disciplina Prática de Pesquisa  
do curso de Licenciatura Plena em  
Letras-Inglês, na Universidade Estadual do  
Piauí (UESPI), campus Alexandre Alves de  
Oliveira.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Professora Orientadora: Doutora Renata Cristina da Cunha.  
Universidade Estadual do Piauí – Campus Alexandre Alves de Oliveira

---

Professor Convidado: Doutor Ruan Nunes Silva  
Universidade Estadual do Piauí – Campus Alexandre Alves de Oliveira

---

Professor Convidado: Professor Rubenil da Silva Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

APROVADO EM 19 DE NOVEMBRO DE 2025.



*No more dreaming of the dead  
As if death itself was undone  
No more calling like a crow for a  
boy  
For a body in the garden*

*Florence Welch*

## AGRADECIMENTOS



*Enquanto vasculhava alguns arquivos, achei este auto retrato que fiz em 2018, inspirado na música "Devil in Me", da cantora Halsey, e dei uma risada de canto, me perguntando se o meu "eu" de 7 anos atrás imaginava que algum dia estaria fazendo um trabalho como este. Desde que eu era criança, sempre tive um fascínio por personagens vilanescos, não só por eu achar que, na maioria das vezes, eles são 10 vezes mais atraentes e legais do que os "mocinhos", mas porque, também na maioria das vezes, os "vilões" eram apenas pessoas comuns que decidiram priorizar suas próprias escolhas, seus próprios interesses, as pessoas que amam, ao invés do interesse de um bem maior, ou de um ideal moralmente aceito pela maioria. Assim como os vilões, que geralmente vão contra os ideais coletivos, eu cresci acreditando ser o que a maioria me rotulava ser,*

*até decidir me escolher, me aceitar e me priorizar. Hoje eu agradeço por ser assim, por ter me escolhido, por ter resistido ao futuro ou a natureza que impuseram a mim, por resistir ao que uma maioria me impõe.*

*Como uma das minhas maiores inspirações de luta, força e resistência, não poderia deixar de agradecer minha mãe, que tem me apoiado todos esses anos de graduação e me apoia em tudo desde sempre. Nunca vou conseguir expressar gratidão o suficiente por tudo que ela representa e fez por mim. Além disso, apesar de ela discordar, minha mãe sempre foi minha primeira referência de resistência, como uma mulher que se impõe, não abaixa a cabeça e não aceita, na maioria das vezes, a posição que a sociedade patriarcal lhe reserva, então por isso, eu também agradeço, você é minha fonte de inspiração primal!*

*Eu acredito muito na maternidade como uma força maior, por isso, claro, eu não poderia deixar de agradecer a minha mãe acadêmica. Além da paciência infinita que ela teve ao lidar comigo durante toda a graduação, minha querida orientadora, Renata, sempre esteve disponível para, não só apoio acadêmico, mas suporte emocional, conselhos para levar para toda uma vida e, como uma boa mãe, uns tapas na cara bem dados para um bom despertar da consciência. Brincadeiras à parte, assim como minha mãe biológica, minha eterna professora Renata foi uma das grandes fontes de inspiração para este trabalho. Além disso, acreditou em mim e me ajudou na jornada de autoconhecimento enquanto pesquisador queer, por isso, e por tudo nesses quase quatro anos, eu sou eternamente grato.*

*A minha primeira professora acadêmica e da vida, irmã de outro útero e inspiração, eu agradeço a Damares, pois sem ela, eu sequer teria começado minha graduação. Você é muito especial para mim e para esta pesquisa, esse trabalho é nossa minha irmã.*

*Ao maior referencial de teoria queer que eu tenho, agradeço ao professor Ruan, que, entre exigências e o desempenho extremamente competente de um profissional da docência, também extraiu o melhor de mim e de todos os*

*pesquisadores da minha turma. Falo em nome de todos nós quando digo: obrigado! Além disso, obrigado por tornar as aulas mais divertidas e criar uma jornada alegre em meio a tantas adversidades. Muitos o consideram como um pai acadêmico, mas para mim, Ruan Nunes sempre foi a tia fumante que dá bons conselhos e te critica se necessário, além de servir as melhores resenhas e momentos icônicos.*

*Ao professor convidado, que na verdade já é de casa, professor Rubenil, eu agradeço, não só por comparecer a esta banca e aceitar participar deste trabalho, mas também pelos conselhos e observações pontuais que tem feito em todos os eventos em que eu estive, obrigado pela contribuição no crescimento deste pesquisador queer!*

*Agradeço também a todos os docentes que me fizeram parte desta jornada, em especial a minha querida professora Lara, que me deu voz nos meus primeiros dias de curso, sem ela, eu não teria chegado tão longe. Francimaria, por quem eu sempre terei muito carinho e que ajudou a tornar o ambiente acadêmico mais aconchegante e leve.*

*Aos meus colegas de turma, eu agradeço pela paciência e pelos momentos de alegria, não é fácil me aturar por quase 4 anos. Em especial, destaco a convivência com as mulheres poderosas e icônicas que estiveram comigo, que já partiram e as que continuam. Estar com vocês me contagiou de uma maneira extremamente motivadora, e eu não teria chegado onde estou sem vocês. Principalmente a Caroline, que me suporta desde sempre, Maria Alice, com quem eu divido dores e risadas e Kamila, que eu considero minha irmãzinha caçula, vocês são minhas angels e eu vou levar vocês no meu coração para sempre! É hora da coca!*

*Agradeço ao Vitor Hugo, que também foi um importante referencial de pesquisador queer e meu chamego nas horas vagas.*



*A todos os meus amigos, que de um jeito ou de outro, também são queer!  
em especial: As Fuleiras (estamos em todos os lugares, ocupamos todos os  
espaços), Las Cabroncitas (que mesmo separadas, estão sempre juntas), As  
Comadres (deceased), ao Luminária do Shrek (diretamente do hospício) e a todos  
os outros, essa conquista é nossa! É por vocês que eu luto e continuo lutando!  
obrigado por me motivarem!*

COSTA, Wesley Gomes. “**I was innocent when you said I was evil**”: a denúncia à demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras no álbum musical *Hold The Girl* (2022) de Rina Sawayama. 60 p. 2025. Monografia (Graduação em Letras - Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus Parnaíba, 2025.

## RESUMO

Demonização, ou tornar do demônio, é o ato de atribuir a algo, ou alguém, uma característica maligna inerente. Ao desafiar as normas vigentes no que diz respeito a gênero e sexualidade, tal qual como jeito de ser, as pessoas queer estão constantemente sujeitas a serem demonizadas por uma frente religiosa conservadora, isto é, serem consideradas malignas pelo simples fato de serem quem são. Conceitos dos específicos dos estudos queer como a cisheteronormatividade e a heterossexualidade compulsória estão diretamente relacionados às imposições de uma elite dominante sobre corpos desviantes da norma. Pensando nisso, este trabalho trata da demonização das pessoas queer pelo conservadorismo religioso cristão denunciada no álbum musical *Hold The Girl* (2022), da artista, cantora e modelo Rina Sawayama. Nas canções “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”, a cantora alinha diferentes gêneros musicais para dar voz não apenas às suas vivências queer, mas também a de amigos, denunciando as opressões sofridas pela comunidade queer sob o subjugo religioso conservador. Diante desse contexto, surge a seguinte inquietação da pesquisa: Como a demonização de pessoas queer por igrejas ultraconservadoras é denunciada por Rina Sawayama no álbum *Hold the girl* (2022)? A fim de responder essa inquietação, o seguinte objetivo geral foi estabelecido: Investigar como a demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras é denunciada no álbum *Hold the girl* (2022) da artista Rina Sawayama. A fim de atingir o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram definidos: (i) Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer, principalmente os conceitos de cisheteronormatividade e heterossexualidade compulsória; (ii) Identificar os tipos e as formas de demonização de pessoas queer atreladas ao ultraconservadorismo cristão. No que diz respeito à metodologia, esta pesquisa bibliográfica tem abordagem qualitativa de natureza exploratória, dialogando com pesquisadores como Richard Miskolci (2020), Eli Bruno Prado Rocha Rosa (2020), Judith Butler (2018), entre outros. Os resultados alcançados mostram que a demonização das pessoas queer é denunciada por meio de críticas sociais expostas nas letras das músicas de Rina Sawayama, assim como os relatos de suas vivências enquanto uma pessoa queer e de outras pessoas parte da comunidade. Sawayama não só critica movimentos religiosos pautados no discurso de ódio, mas também dá voz à vivência das pessoas queer em um tom humanizante.

**Palavras-chave:** Estudos queer; Cisheteronormatividade; Heterossexualidade compulsória; Canções do álbum *Hold The Girl* (2022).

COSTA, Wesley Gomes. “**I was innocent when you said I was evil**”: an indictment of the demonization of queer people by ultraconservative churches in Rina Sawayama's album *Hold The Girl* (2022). 60 p. 2025. Monograph (Graduação em Letras - Inglês) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus Parnaíba, 2025.

## ABSTRACT

Demonization, or the act of turning something demonic, is the process of attributing an inherently evil characteristic to something or someone. By challenging prevailing norms regarding gender and sexuality as well as ways of being queer people are constantly subjected to demonization by a conservative religious front, that is, they are deemed evil simply for being who they are. Specific concepts from queer studies, such as cisheteronormativity and compulsory heterosexuality, are directly related to the impositions of a dominant elite upon individuals that deviate from the norm. With this in mind, the present work addresses the demonization of queer people by Christian religious conservatism, as denounced in the musical album *Hold The Girl* (2022) by artist, singer, and model Rina Sawayama. In the songs “This Hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age”, and “Send My Love to John”, the singer blends different musical genres to give voice not only to her own queer experiences but also to those of her friends, denouncing the oppressions faced by the queer community under conservative religious subjugation. Given this context, the following research question arises: How is the demonization of queer people by ultraconservative churches denounced by Rina Sawayama in the album *Hold the Girl* (2022)? To answer this question, the following general objective was established: To investigate how the demonization of queer people by ultraconservative churches is denounced in Rina Sawayama’s album *Hold the Girl* (2022). In order to achieve this general objective, the following specific objectives were defined: (i) To discuss the theoretical assumptions of queer studies, especially the concepts of cisheteronormativity and compulsory heterosexuality; (ii) To identify the types and forms of demonization of queer people linked to Christian ultraconservatism. Regarding methodology, this bibliographic research adopts a qualitative and exploratory approach, engaging in dialogue with scholars such as Richard Miskolci (2020), Eli Bruno Prado Rocha Rosa (2020), Judith Butler (2018), among others. The results show that the demonization of queer people is denounced through social criticism expressed in Rina Sawayama’s lyrics, as well as through accounts of her experiences as a queer person and those of others within the community. Sawayama not only criticizes religious movements based on hate speech but also gives voice to queer experiences in a humanizing tone.

**Keywords:** Queer studies; Cisheteronormativity; Compulsory heterosexuality; *Hold The Girl*.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>12</b>
1.1 “I WAS INNOCENT WHEN YOU SAID I WAS EVIL” .....	12
1.2 SURGIMENTO DO INTERESSE PELA TEMÁTICA DA PESQUISA.....	12
1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA.....	15
1.4 INQUIETAÇÃO DA PESQUISA E OBJETIVOS.....	18
1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
1.6 JUSTIFICATIVAS.....	20
1.7 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA.....	22
<b>2 “GOD HATES US? ALRIGHT THEN!”: REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>23</b>
2.1 OS ESTUDOS QUEER.....	23
2.1.1 CISHETERONORMATIVIDADE E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA .....	28
<b>3 “THIS HELL IS BETTER WITH YOU!”: ANÁLISE CRÍTICA.....</b>	<b>35</b>
3.1 RINA SAWAYAMA.....	35
3.2 HOLD THE GIRL (2022).....	37
3.2.1 THIS HELL.....	40
3.2.2 HOLY (TIL YOU LET ME GO).....	44
3.2.3 YOUR AGE.....	47
3.2.4 SEND MY LOVE TO JOHN.....	50
<b>4 “GIMME JUST A LITTLE BIT (MORE)”: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta seção, são apresentados o surgimento do interesse pelo tema, contextualização da problemática, a inquietação da pesquisa, os procedimentos metodológicos, as justificativas e a estrutura da monografia.

### 1.1 “I WAS INNOCENT WHEN YOU SAID I WAS EVIL”

Antes de prosseguirmos para a próxima subseção, é necessário um pequeno adendo sobre o título da monografia: “eu era inocente quando você disse que eu era maligna” (tradução nossa), trecho retirado da música “Holy (till you let me go)” do álbum *Hold The Girl* (2022) de Rina Sawayama. Optamos por esse título porque entendemos que é uma alusão à perseguição sofrida pela comunidade queer por grupos religiosos ultraconservadores.<sup>1</sup>

### 1.2 SURGIMENTO DO INTERESSE PELA TEMÁTICA DA PESQUISA

Em *X-Men '97* (2024), recente série animada dos grupos de super heróis *X-Men*, o personagem Magneto, bastante conhecido por ter uma abordagem não tão conveniente com os princípios heroicos, durante o seu julgamento pela ONU, diz que:

As a boy, my people's homes were burned to ash because we dared to call God by another name. Then, my people hunted me with those who had once hunted them. I was a freak, born a mutant. An abomination to their misnamed gods. In history's sad song, there is a refrain. Believe differently, love differently, be of different sex or skin, and be punished. We sing this song to one another. The oppressed become oppressors. (DeMayo, 2024)

A fala de Magneto durante o julgamento, enquanto acorrentado e preso, juntamente a uma ameaça de “cura” para a sua “raça”, nos faz refletir sobre o medo desproporcional que a elite dominante tem de grupos minoritários. Sempre fui muito

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho, chamamos de igrejas cristãs ultraconservadoras os grupos religiosos que se escondem atrás de uma fé ou dogmas religiosos para atacar, perseguir e violentar grupos minoritários, incluindo a comunidade queer.

apegado aos *X-Men*, mas quando eu<sup>2</sup> era criança, não sabia muito bem o porquê de me identificar tanto com esse grupo específico de herois, um grupo perseguido por serem exatamente quem são, um grupo que está constantemente sofrendo opressões do sistema e da elite normativa que diz como devem agir, ser e parecer. Mais ainda, depois de adulto, passei a entender os ideais do personagem Magneto. Ele representa uma ameaça para a elite que o oprimia, juntamente de seu povo, desde seu surgimento, pois ele possui poder suficiente para revidar, falar e ser ouvido, ou ainda, promover a revolução (ainda que por meios de moral duvidosa).

A questão em *X-men* (e também na vida real) é que sempre existirá uma norma vigente que tratará pessoas diferentes como aberrações, estranhezas e até mesmo, como no caso do mutante “Noturno”, demônios. As violências e o ódio provido dessa norma, muitas vezes será mascarado por trás de um falso amor, de uma força divina que não salvará quem for “diferente”, e por mais contraditório que possa parecer, pessoas devotas a um “Deus do amor” reproduzem violências sistêmicas e acabam propagando o ódio.

Proveniente de um lar cristão e consequentemente, influenciado pela visão conservadora imposta pelos preceitos religiosos, desde criança me vi perdido e tomado por uma culpa que não necessariamente vinha de mim. Além de ter o bullying como uma parte principal na minha vida por ser “diferente” e uma pessoa afeminada, era comum ouvir de pessoas religiosas que seu jeito de ser e se comportar desde criança era algo advindo de uma força maligna. Cheguei a ouvir de um parente próximo que, crianças afeminadas eram possuídas pelo “demônio” e por conseguinte, eu também era. Em determinado momento da minha adolescência, que foi uma época de desenvolvimento da minha identidade como pessoa queer, ecoa a voz de uma pessoa desconhecida na cabeça dos meus pais “o diabo está tentando convencer seu filho de ser uma coisa que ele não é”, isso me proporcionou vários momentos de tensão e desavenças que me marcaram. Como par de brincos favoritos amassados, roupas que eu não poderia usar, coisas que eu não poderia falar e alguns outros que eu prefiro deixar de fora deste trabalho.

Conforme eu fui amadurecendo, percebi que essas violências, tais quais eu me atribuía a culpa por receber, aconteciam com várias pessoas específicas, e que elas tinham algo em comum. Até mesmo nos anos em que passei frequentando

---

<sup>2</sup> No decorrer desta seção, optamos pelo uso da primeira pessoa do singular, a fim de expressar as experiências pessoais do pesquisador.

uma congregação cristã, percebi que dentro do templo divino, as pessoas eram julgadas e culpadas por seus “erros” com diferentes medidas dependendo de quem são. Isso consequentemente reforça as desigualdades sociais e um lugar que em tese deveria ser acolhedor, acaba por ser mais um reprodutor de violências e instrumento de controle através do medo de “ir para o inferno”. Essas percepções começaram a desenvolver em mim um pensamento crítico, que me levou posteriormente a estudar e engajar em pautas sociais, movimentos antirracistas, iniciativas feministas e majoritariamente, pautas queer, em todo e qualquer oportunidade de falar sobre, eu estava presente. Porém, somente ao chegar na faculdade, me deparei com áreas de estudo que proporcionaram aporte teórico para falar de grupos minoritários e das violências sofridas por eles.

Antes mesmo de ingressar no meu primeiro semestre do curso de Letras Inglês, me inscrevi em um curso de “Introdução à Teoria Queer”, ministrado pelo Prof. Dr. Ruan Nunes. Nunca tinha imaginado que um professor de inglês, por exemplo, poderia ser especialista em estudos direcionados às pessoas queer, ou aos estudos feministas, entre outros. Tais estudos abraçam a problematização das estruturas sociais e das normas vigentes, nos proporcionando uma visão crítica e lentes sob quais podemos observar a visão dos oprimidos, excluídos e suas lutas.

Apesar de não ter tido uma infância nem adolescência fáceis, e viver me podendo para caber nos moldes sociais (falhando miseravelmente), sempre encontrei na música, um escape, seja ouvindo divas pop escondido da minha família na minha pré adolescência, ou aprendendo inglês através das letras das músicas que eu cantava durante o meu ensino médio. A música sempre me trouxe um conforto, era onde, cantando, eu poderia desabafar o que sentia e escapar da minha realidade conturbada, ser quem eu realmente era, e, ainda, me identificando com artistas abertamente queer que ouvi durante minha adolescência (e ainda ouço) como Troye Sivan, Hayley Kiyoko e Sia.

Ainda na fase adulta, por vezes revivendo traumas gerados pela culpa, encontro na música, além de um refúgio, uma terapia no meu longo processo de cura. Nos meus 20 anos de idade, me deparo, pelas sessões de música da madrugada, com uma artista chamada Rina Sawayama, que canta, entre outras coisas, sobre sua vivência enquanto pessoa Queer, que foi acolhida pela comunidade a qual ela chama, em uma música de mesmo título, de “Chosen Family”. Desde a primeira reprodução em uma música da Rina Sawayama, tenho

acompanhado o seu trabalho artístico e esperei ansiosamente pelo lançamento do seu segundo álbum, chamado “Hold the Girl”, que eu ouvi incessantemente desde o lançamento e que me maravilhou em todos os sentidos, me ajudando de uma maneira terapêutica e me acompanhando no meu processo de cura.

Em seu segundo álbum de estúdio, Rina Sawayama, cantora nipo-britânica, se reconcilia com ela mesma e, ao mesmo tempo, denuncia o subjugo sofrido pela comunidade queer por instituições religiosas. Por esse motivo, resolvi engajar esta pesquisa fechando um ciclo de como toda minha jornada como pessoa queer e estudante da língua inglesa começou, unindo os dois em uma análise de um trabalho musical de uma artista por quem eu tenho muito apreço, cujas músicas me marcaram e foram de suma importância nos últimos 2 anos.

### 1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Diante das experiências descritas na subseção anterior, optamos pelas lentes teóricas dos estudos *queer* para realizar esta pesquisa, pois, além de fornecer aporte teórico para interpretar obras centradas na comunidade *queer*, também nos permite entender o histórico de apagamento, marginalização e perseguição das pessoas queer.

Para entender a relação entre as entidades religiosas e cisheteronormatividade e como estas instituições funcionam como agentes da norma, cabe aqui uma reflexão sobre o conceito de demonização e a influência dessa ação sobre o subjugo da comunidade queer.

Atribuir a uma entidade, grupo ou pessoa como inteiramente má, ou, ainda, dar algo ou alguém um caráter demoníaco, diabólico, possesso por espíritos malignos é a definição de demonização dada pelo dicionário (Dictionary.com, 2024, online). Segundo Butler (2024), no livro *Quem tem medo de gênero?* A demonização do gênero e das pessoas queer não é apenas uma forma de desumanizar os indivíduos deste grupo minoritário, mas também de reforçar uma estrutura de poder baseada no medo e na insegurança, marginalizando indivíduos que são considerados “malignos” e “demoníacos”.

Os apontamentos de Butler feitos no livro *Quem tem medo de gênero?* lançado em 2024, são na verdade um alerta de suma importância. Durante sua passagem pelo Brasil em 2017, Butler foi alvo de inúmeras críticas e protestos



simplesmente por falar sobre gênero. Aos gritos que entoaram um coro doentio “queimem a bruxa”, Butler chegou a ter uma figura com seu rosto cravado queimada por protestantes anti gênero. Tal retrato da nossa sociedade reforça não só a ligação da demonização das pessoas queer com as agressões sofridas pelos grupos minoritários como também o crescimento massivo do fascismo nos últimos anos.

Além do fascismo e da hipocrisia do ódio disfarçado de “bem maior”, Butler (2024) alerta, ainda, sobre como tal demonização de entidades como o gênero são utilizadas pela elite de maneira sistemática a encobrir problemas reais. Tais problemas funcionam como uma cortina de fumaça que leva as pessoas a acreditar que o “demônio do gênero” é o que vai destruir a humanidade, no lugar do aquecimento global, poluição em massa, degradação do meio ambiente, precariedade econômica, violência policial, que seriam medos reais, diferentes do medo fantasmagórico de gênero.

A contribuição de Butler é importante não só no campo teórico e acadêmico, mas também no social. Sua obra traz um alerta e denúncia para que as pessoas possam refletir sobre o que realmente seria um “grande mal”. Tais violências agregadas especificamente a grupos minoritários são vistas como justificáveis pela demonização desses mesmos grupos e vale ressaltar que, essa mesma demonização advinda de uma elite social não está restrita apenas a pessoas queer e já foi direcionada a mulheres e pessoas afrodescendentes no passado (e em alguns casos, ainda nos dias atuais).

Compreender as violências e opressões sistêmicas promovidas pela norma vigente é uma das possibilidades englobadas pelos estudos queer. Além disso, conceitos como heteronormatividade e heterossexualidade compulsória, abjeção e performance de gênero proporcionados por esta corrente teórica (Butler, 2018), são conceitos fundamentais que nos ajudam a compreender melhor o cenário e as motivações por trás das opressões sofridas por pessoas queer.

Opressões e violências sofridas por pessoas queer são abrangentes e ocorrem durante todas as suas vidas. A começar pela infância que é constantemente bombardeada por jargões e ideais de uma maioria política conservadora (Preciado, 2013) e seguindo até a fase adulta onde os indivíduos estão em constante cobrança e sobre influência de uma heterossexualidade

compulsória que age como um regime de poder que impõe as definições binárias de sexo e hierarquiza os gêneros (Buttler, 2018).

Tais violências e opressões estão em sua maior parte, enraizadas na sociedade, e agem por meio de instituições reprodutoras, sejam políticas, educacionais ou religiosas. Essas instituições reprodutoras agem como agentes de uma norma vigente, chamada de Heteronormatividade, que consiste na manutenção dos comportamentos e identidades com a finalidade de assegurar a heterossexualidade (Butler, 2018). Levando isso em consideração, utilizaremos o conceito de demonização, com a finalidade de explorar as opressões sofridas por pessoas queer que subvertem a heteronormatividade, agressões advindas das instituições religiosas, mas que permeiam e se instalam no contexto social geral, indo para além das paredes dos templos.

A religião desempenha grande papel de controle por meio do medo desde a idade média, que devido toda a mitologia e o constante uso da imagem do inferno pela igreja para causar medo, ficou conhecida como “idade das trevas” (Le Goff, 2005). Os mitos da igreja instauraram um medo generalizado que foi utilizado como ferramenta de controle social. Segundo George Minois (2023), a ideia de “inferno” era utilizada na idade média pela “pastoral do medo”, ou seja, a igreja, que criou a ideia de um lugar físico punitivo reservado a quem desobedecesse às suas leis, uma ferramenta de controle. Desde de esse período, a igreja, controlava o que devia ser visto como bem e mal, queimando na fogueira tudo que destoasse das normas controladas por uma elite social.

Dentro deste contexto, a música se torna uma importante ferramenta de protesto e denúncia. Artistas como Madonna, Lady Gaga e Cyndi Lauper, protestaram a favor dos direitos das pessoas queer e pregaram contra a estigmatização da comunidade. Percebendo o histórico opressor da religião sobre minorias sociais e os abusos de poder de tais instituições, Rina Sawayama, por meio de sua música, denuncia as opressões e a demonização das pessoas queer em seu álbum *Hold the Girl*, lançado em 2022.

Importante salientar que, apesar de tratar da vivência queer em outros trabalhos, o álbum *Hold The Girl* (2022), de Rina Sawayama, foi escolhido para esta pesquisa pelo seu viés crítico que melhor se alinha aos objetivos deste trabalho. Levando em consideração a literatura e a música como sendo intrínsecas, utilizarei no decorrer desta pesquisa a proposta de Charles Perrone, que, ao criticar os

estudos de Steven Paul Scher, propõe que as letras das músicas e sua intertextualidade promovem uma literariedade no contexto musical. Neste sentido, a música nesta pesquisa foi tratada como literatura em toda sua intertextualidade e pluralidade de sentidos, levando em conta os ritmos e as letras, assim como as nuances da composição e produção.

Tendo em vista a arte e a literatura como ferramentas críticas das problemáticas sociais, foi escolhido o trabalho musical “Hold the girl” da artista, aliada ao movimento queer, Rina Sawayama, como corpus da investigação, mais especificamente, as músicas “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”. Lançado em 2022, o álbum traz uma sonoridade pop, alinhada a críticas ferrenhas da cantora e compositora a visão religiosa sobre as pessoas queer, utilizando temas como o sagrado, o inferno e a culpa cristã. Deste modo, também será discutido o conceito de demonização, a fim de entender a relação entre essas ideias e as violências desferidas sob o manto religioso diretamente a comunidade queer.

Sobre os antecedentes da pesquisa, foi realizado um levantamento nas plataformas Google Acadêmico e SciELO com as palavras chave “Rina Sawayama”, “Demonização” e “Queer” juntas, filtradas pela localidade (Brasil) e idioma em Português. No universo da palavra chave “Rina Sawayama”, não foram encontrados nenhum resultado em artigos ou outras pesquisas em ambos os sites. No universo das palavras “Demonização” e “Queer” juntas, também não foram encontrados resultados em ambas as plataformas. No que diz respeito à soma de todas as palavras, nenhum resultado foi encontrado em nenhuma das plataformas usadas. Sendo assim, esta pesquisa se mostra inédita dentro dos critérios propostos, mostrando a importância e inovação dentro da temática apresentada.

#### 1.4 INQUIETAÇÃO DA PESQUISA E OBJETIVOS

Diante do exposto até aqui, esta pesquisa visa responder a seguinte inquietação: Como a demonização de pessoas queer por igrejas ultraconservadoras é denunciada por Rina Sawayama no álbum *Hold the girl* (2022)? mais especificamente, nas canções “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”? Para responder a inquietação, o objetivo geral foi estabelecido: Investigar como a demonização das pessoas queer por igrejas

ultraconservadoras é denunciada no álbum *Hold the girl* (2022) da artista Rina Sawayama. Com a finalidade de atingir o objetivo geral, os objetivos específicos foram delineados: (i) Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer, principalmente os conceitos de cisheteronormatividade e heterossexualidade compulsória; (ii) Identificar os tipos e as formas de demonização de pessoas queer atreladas ao ultraconservadorismo cristão.

## 1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreendendo que esta pesquisa aborda particularidades que não podem ser quantificadas em números, foi tomada a abordagem qualitativa, pois essa abordagem trabalhará com o universo dos significados, motivos, crenças, dos valores e das atitudes (Minayo, 2009). Tal abordagem será tomada levando em consideração que o ser humano pensante reflete sobre as suas ações e tais reflexões sobre as ações e relações humanas não podem ser traduzidas em números (Minayo, 2009). Ademais, levando em consideração o primeiro contato com o tema desta pesquisa, ela tem natureza exploratória, cujo o objetivo é tornar a problemática mais familiar e proporcionar uma melhor exploração de pensamentos dentro da temática proposta (Gil, 2002). Quanto ao seu tipo, ela é classificada como bibliográfica, que segundo Antônio Carlos Gil (2002), visa identificar o conhecimento disponível sobre o tema, a construção de hipóteses ou a formulação do problema, seja esse conhecimento documentado em livros, revistas impressas ou disponíveis em meios eletrônicos. De acordo com Fabio Akcelrud Durão (2020), interpretar é acrescentar algo à literalidade de um objeto de pesquisa de forma que o resultado seja uma homogeneidade entre a interpretação e o objeto. Nesse sentido, as impressões e interpretações pessoais do pesquisador visam incrementar a literalidade do objeto de pesquisa proposto, assim como a temática, por isso, no que diz respeito às lentes de análise, adotamos o paradigma de análise interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2018).

Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, o primeiro passo foi a realização da revisão de literatura acerca da contextualização social e histórica dos estudos queer, levando em consideração os escritos de Rafael Leopoldo (2020) e Richard Miskolci (2020). Além destes, serão aprofundados dentro dos estudos queer, os conceitos de cisheteronormatividade e heterossexualidade compulsória,

com guia nos trabalhos de Adrienne Cecile Rich (2012), Richard Miskolci (2020), Eli Bruno Prado Rocha Rosa (2020) e Judith Butler (2018), entre outros.

Para uma melhor compreensão do corpus, adotamos os seguintes critérios de exclusão e inclusão: foram mantidos como fonte de pesquisa os livros, artigos ou periódicos que se apresentem dentro da discussão e que conversem com a temática investigada. A partir daí, os dados coletados foram analisados a partir do paradigma interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2018), que nos auxiliaram, por meio da fundamentação dos conceitos apresentados, a alcançar os objetivos estabelecidos para responder a inquietação da investigação.

Em conjunto com os procedimentos metodológicos já citados, estão sendo realizadas reuniões periódicas, a fim de confeccionar fichamentos que auxiliarão no andamento da pesquisa e na organização do pensamento mediante as leituras. Além disso, o corpus da pesquisa, neste caso, as músicas “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”, do álbum musical *Hold The Girl* da artista Rina Sawayama, será constantemente revisitado, para que seja estabelecida uma melhor relação entre o corpus e o material utilizado na revisão de literatura.

## 1.6 JUSTIFICATIVAS

Quando se pensa nas violências e opressões sofridas pelas pessoas queer, reforçados pelo sistema, pouco se pensa no impacto disso na vida escolar e acadêmica. Pessoas que passam a vida se culpando por serem vítimas de uma norma vigente que os pune por serem subversivas. O ódio contra pessoas queer é um fato social mundial, que tem destaque no Brasil, um dos país que mais mata pessoas queer, tendo chegado a estatística de um assassinato de pessoa queer motivado pelo ódio por dia. Em dados mais recentes, as estatísticas apontam a morte de uma pessoa LGBTQIAPN+<sup>3</sup> a cada 38 horas (G1, 2024, Online). Além das brutais estatísticas, o país tem sido carregado por uma forte onda de conservadorismo que endossa essas ideias e preconceitos mortais. Em 2018, se inicia um governo, no Brasil, pautado em “Deus, pátria e família”, com o jargão

---

<sup>3</sup> Utilizo a sigla LGBTQIAPN+ neste parágrafo para me referir às inúmeras identidades das pessoas queer no contexto brasileiro, porém, no decorrer do trabalho será utilizado o termo “queer”, por se tratar de uma análise sob as lentes teóricas destes estudos.

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” estampado por todos os lados. Governado por um presidente abertamente homofóbico, tal governo era erguido sobre falas como “a minoria tem que se curvar a minoria”, entre outras idéias como liberação do porte de armas para a população média e demarcação de terras indígenas. Tal governo, que promovia o ódio sob uma bandeira religiosa, foi responsável por uma manifestação conservadora em massa. O resultado não poderia ser outro, já que o ex representante do Brasil, eleito pelo povo, já insinuou que preferiria que um filho “morresse a ser gay”. Esses acontecimentos não podem sair impunes e silenciados, devem a todo momento ser discutidos. A violência dessas ideias e ataques a grupos minoritários não podem ser normalizadas, sejam elas pessoas pretas, indígenas, mulheres ou LGBTQIAPN+.

Muito desse ódio e criminalidade envolvendo pessoas queer possui uma motivação religiosa, vários crimes são justificados pelos agressores como sendo parte de uma “vontade divina”. “Era um demônio “disse Caio Santos de Oliveira depois de assassinar uma travesti a sangue frio e guardar seu coração como um troféu em São Paulo no ano de 2019 (G1, 2019, online). Além da declaração, o corpo da vítima foi encontrado com o tórax aberto e uma imagem religiosa sobre o peito. Tais brutalidades sob um manto religioso se tornaram comuns, já que tudo é louvável se for “da vontade de Deus”. Entender como essa problemática impacta e está presente no dia a dia das pessoas queer é fundamental para propor ambientes didáticos e promover a conscientização. Muitas pessoas tiveram suas vidas roubadas por essa marginalização e violências, por tanto, é primordial manter a discussão sobre tais problemáticas sociais em evidência, até que, mesmo em um futuro utópico, a situação venha a melhorar.

No que diz respeito ao âmbito acadêmico, esperamos com esta pesquisa promover a discussão a respeito dos temas aqui explanados, a fim de dar visibilidade ao tema, tal qual as obras de artistas queer e sua importância. Apesar de outras pesquisas no curso Letras Inglês da UESPI campus Parnaíba tratarem das lentes teóricas queer, esta pesquisa se mostra inédita no quesito de objeto literário e temática. Que os pressupostos dos estudos queer aqui abarcados sirvam de inspiração para futuras leituras e pesquisas no tema, além de um auxílio para os pesquisadores.

No que diz respeito ao âmbito pessoal, esperamos com esta pesquisa, além de crescimento acadêmico, expandir o repertório teórico dentro da área dos estudos

queer. Esperamos também com esta pesquisa, englobar as pessoas que encontram na música um lugar de refúgio e conforto, sejam elas queer ou não. Além disso, também esperamos, com esta pesquisa, trazer um pouco de justiça e visibilidade a todas as pessoas queer que um dia foram demonizadas, oprimidas e marginalizadas por serem “diferentes” do que a norma vigente espera, e isso inclui todas as maravilhosas pessoas queer que já conheci e que me inspiraram a engajar nesta pesquisa.

## 1.7 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

No que diz respeito à estrutura da monografia, ela está dividida em quatro seções, incluindo as considerações finais. A primeira são as considerações iniciais. A segunda apresenta o embasamento teórico da pesquisa. E finalmente, na terceira seção, a análise das letras das músicas da artista Rina Sawayama.

## 2 “GOD HATES US? ALRIGHT THEN!”<sup>4</sup>: REVISÃO DE LITERATURA

Com a finalidade de compreender as opressões e a marginalização sofrida pela comunidade queer, essa seção será dedicada a conceituar as noções fundamentais dos estudos queer. Entender tais conceitos é primordial para a compreensão das violências e preconceitos que atingem o grupo minoritário, pois, entendendo a origem de tais agressões, seremos capazes de ter uma visão mais ampla sobre as críticas sociais direcionadas a elas.

### 2.1 OS ESTUDOS QUEER

Quando nos deparamos com o termo *queer*, de cara, talvez não seja tão fácil deduzir que, na língua inglesa, ele surgiu como um palavrão, como remonta Richard Miskolci em sua obra *Teoria Queer* (2020, p. 22): “Vale lembrar que queer é um xingamento, é um palavrão em inglês. Em português, dá a impressão de algo inteiramente respeitável, mas é importante compreender que realmente é um palavrão, um xingamento, uma injúria.”, apesar de nos parecer simplesmente uma palavra engraçada de outro idioma, ela carrega um histórico de exclusão em seu surgimento. Utilizada pelo grupo ativista Queer Nation, o termo queer representava “a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha” (Miskolci, 2020, p. 22). Mais ainda, o termo era utilizado para denominar grupos marginalizados.

Rafael Leopoldo (2020) também aponta que o termo queer, proveniente da língua inglesa, era utilizado de forma pejorativa para nomear todos os grupos desprezados por uma elite social, sejam pessoas pobres e vulneráveis a homossexuais, imigrantes, travestis e todas as pessoas que representavam uma perturbação social na ordem imposta por uma elite. Deste modo, os estudos queer nascem para a compreensão dessas vivências dissidentes, que apresentam uma pluralidade de identidades, dando a esse campo de estudos um status plural. Richard Miskolci (2020, p. 19) aponta que “o que hoje chamamos de queer, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea”, isto é, os estudos queer, apesar de nascerem sob o

---

<sup>4</sup> “Deus nos odeia? tudo bem!” trecho da música “This Hell” de Rina Sawayama que faz alusão a protestos contra pessoas *queer* feitas por igrejas ultraconservadoras. Aqui, utilizamos esse trecho para referenciar os estudos queer, corrente teórica utilizada como embasamento para esta pesquisa. (tradução nossa)



pressuposto de “movimento homossexual”, representa muito mais que um único ponto de vista, mas uma variedade de perspectivas.

O movimento queer nasce assim entre a década de 80 e 90, em contraposição ao movimento homossexual, que visava uma aceitação da sociedade, o movimento queer nascia como uma subversão das normas sociais, no sentido de que não são as pessoas queer que tem que mudar para serem aceitas e normalizadas, mas a sociedade é quem deve ser transformada (Leopoldo, 2020). Sendo assim, o movimento queer não defende a homossexualidade, mas sim, rejeita todas as violências, agressões e preconceitos originados de uma abjeção social, que exclui e marginaliza os indivíduos queer reservados à humilhação e desprezo público (Miskolci, 2020).

Como explicado por Richard Miskolci (2020, p. 19), o movimento queer, feminista e movimento pelos direitos civis afro-estadunidense “são chamados de novos movimentos sociais porque teriam surgido depois do conhecido movimento operário ou trabalhador, e porque trouxeram ao espaço público demandas que iam além das de redistribuição econômica.”, ou seja, tais movimentos se preocupavam com mais que questões econômicas, mas também com as vivências de tais grupos marginalizados, que eram excluídos e não possuíam os mesmos direitos civis que a elite dominante.

Desse modo, podemos afirmar que os estudos queer, que surgiram como movimento homossexual, são disruptivos desde seu surgimento. Ademais, para além da sobrevivência e redistribuição econômica, grupos como a comunidade queer lutam pelo direito de existir em uma sociedade que é contra sua existência, clamando não apenas pela sobrevivência, mas também pelo direito de viver, existir e de ter os mesmos direitos civis que qualquer outro cidadão dentro de uma norma vigente, pois “de forma geral, esses movimentos afirmavam que o privado era político e que a desigualdade ia além do econômico” (Miskolci, 2020, p. 20). Outrossim, movimentos sociais como o queer lutam, para além da igualdade social, pela visibilidade e representação de suas vivências excluídas.

Também é possível afirmar que os estudos e movimento queer também lutam pelos direitos dos indivíduos em condições subalternas sobre o próprio corpo, assim como outros movimentos sociais como o feminismo (Miskolci, 2020). Alguns movimentos, segundo Miskolci (2020, p. 20), “também começaram a apontar que o corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo

qual se expressavam relações de poder”, nos trazendo a reflexão sobre a razão de tais tópicos causarem tanta estranheza e choque ao serem discutidos de maneira natural, pois possuem um longo histórico e apagamento e são utilizados como veículos de relações de poder e política. Desse modo, faz sentido que, devido um histórico de exclusão e privação de suas próprias sexualidades e corpos, o movimento queer retome tais direitos como representação, protesto e resistência. Incluindo “desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais” (Miskolci, 2020, p. 20).

Além de terem os direitos sobre os próprios corpos negados, a comunidade queer enfrenta ainda a estigmatização de tais corpos. Apesar de ter uma origem dispersa, Miskolci (2020) aponta que o movimento queer tomou forma na segunda metade da década de 1980, “quando o surgimento da epidemia de aids gerou um dos maiores pânicos sexuais de todos os tempos” (Miskolci, 2020, p. 21). Ao invés de ser tratada como um vírus pelo governo conservador estadunidense, a AIDS foi negligenciada e tratada como uma infecção sexualmente transmissível, como uma forma de castigo para aqueles que não seguissem as regras sexuais tradicionais (Miskolci, 2020). Tal resposta de um governo conservador à uma revolução sexual impactaria a maneira como os indivíduos enxergam e experienciam suas próprias sexualidades até hoje (Miskolci, 2020), nos trazendo a reflexão sobre o impacto da estigmatização de corpos queer.

Como citado anteriormente, decisões negligentes referentes a epidemia da AIDS foram tomadas por um governo conservador estadunidense, mas não apenas isso, esta decisão tem raízes religiosas excludentes. Como aponta Rafael Leopoldo (2020, p. 26), a AIDS era conhecida como doença dos “‘quatro agás’: 1) homossexuais; 2) haitianos; 3) hemofílicos; 4) e usuários de heroína”. Dentre esses grupos, o grupo dos homossexuais era considerado autodestrutivo, que procurava a própria destruição e morte ao utilizar o corpo de maneira “errada” e destoante da normatividade. Essa mesma concepção religiosa cunhava a AIDS como um castigo divino, que limparia a terra da praga homossexual (Leopoldo, 2020), ou seja, daqueles que usavam o corpo de forma “não natural”.

É possível perceber, neste contexto, que a comunidade queer enfrenta desde seu surgimento um estigma maligno, de oposição, de vilania, como se a norma estivesse constantemente procurando a quem “culpar” por todos os males da terra. Estigmas malignos e o enfrentamento dessas crises foram, segundo Miskolci

(2020), um divisor de águas para os movimentos, que agora se posicionaram mais radicais que antes. Além disso, é importante ressaltar que, na primeira oportunidade, os valores conservadores se voltam contra os grupos minoritários (Miskolci, 2020), a quem são atribuídos a culpa dos males do mundo.

A partir da crise da AIDS, com a criação do Queer Nation, foi marcado um novo momento em que, de acordo com as ideias do grupo ativista, “parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação” (Miskolci, 2020, p. 22). E é aí que surge o *queer*, como movimento, lutando em oposição a abjeção dos indivíduos em um momento biopolítico instaurado pela crise da AIDS nos Estados Unidos (Miskolci, 2020).

Importante perceber que, diferente do movimento homossexual, que era levantado em maior parte dos homens de classe média letrados e brancos, como uma espécie de “burguesia gay” (Miskolci, 2020; Leopoldo, 2020), o movimento queer surge para além da aceitação social, mas para lutar contra o lugar de abjeção, cuja elite dominante reserva a todos “aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (Miskolci, 2020, o. 22). Em outras palavras, o movimento queer não surge em pró da aceitação dos homossexuais pela sociedade, mas em crítica às demandas sociais que reservam aos indivíduos dissidentes um lugar de estigma, vergonha, abjeção e exclusão.

Além disso, o movimento queer surge para criticar a heteronormatividade, cujo regime aceita gays e lésbicas que se encaixam nas demandas sociais, mas o limite não se estende a pessoas “considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo” (Miskolci, 2020, p. 24). Ou seja, o movimento surgia para questionar a norma, que aceitava, até certo ponto, quem se encaixava, mas reservava qualquer outro à humilhação e abjeção. Então, pode ser dizer que o queer “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (Miskolci, 2020, p. 24). Isso também se torna um importante fator, onde se difere o movimento homossexual do movimento queer, incluindo seus significados (ou a ausência deles).

Mesmo com a história do movimento gays e lésbicas e movimento queer em mente, ainda pode ser que a pergunta “Mas por que queer? Por que não podemos simplesmente usar a palavra *gay*?”, surja comumente sendo feita na busca por uma

maneira de “tornar as coisas mais fáceis” ou de resumir todo um movimento plural. Para entender a diferença, basta que nos atentemos ao trecho do livro Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography:

Unlike gay identity, which, though deliberately proclaimed in an act of affirmation, is nonetheless rooted in the positive fact of homosexual object-choice, queer identity need not be grounded in any positive truth or in any stable reality. As the very word implies, “queer” does not name some natural kind or refer to some determinate object; it acquires its meaning from its oppositional relation to the norm. (Halperin, 1950, p. 62)<sup>5</sup>

Assim como afirmado por Halperin (1950), a identidade queer não precisa ser resumida a uma palavra ou conceito concreto e estável. O conceito queer é plural, e abrange uma enorme gama de sentidos. Além disso, queer pode ser tudo aquilo que vai contra a norma (Halperin, 1950). Em outras palavras, não há como conformar o sentido de queer a uma noção concreta, já que o sentido de queer é justamente não estar em conformidade com a norma. Por isso, não podemos simplesmente apagar a identidade queer e chamar a todo um movimento de “os gays”.

Apesar disso, as pessoas homossexuais podem ser denominadas “queer”, assim como drag queens, pessoas transgênero, e muitas outras identidades e expressões de gênero e sexualidades. Assim como, apontando a amplitude do conceito de “queer”, descreve Eve Sedgwick (1994, p. 7):

That’s one of the things that “queer” can refer to: the open mesh of possibilities, gaps, overlaps, dissonances and resonances, lapses and excesses of meaning when the constituent elements of anyone’s gender, of anyone’s sexuality aren’t made (or can’t be made) to signify monolithically. The experimental linguistic, epistemological, representational, political adventures attaching to the very many of us who may at times be moved to describe ourselves as (among many other possibilities) pushy femmes [...]”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> “Ao contrário da identidade gay, que, embora deliberadamente proclamada em um ato de afirmação, está enraizada no fato positivo da escolha homossexual de objetos, a identidade queer não precisa estar fundamentada em nenhuma verdade positiva ou em qualquer realidade estável. Como a própria palavra implica, “queer” não nomeia algum tipo natural nem se refere a algum objeto determinado; adquire seu significado a partir de sua relação de oposição à norma.” (Halperin, 1950, p. 62, tradução nossa)

<sup>6</sup> “Essa é uma das coisas que “queer” pode representar: a complexa rede de possibilidades, lacunas, sobreposições, dissonâncias e ressonâncias, lapsos e excessos de significado quando os elementos constituintes do gênero de alguém, da sexualidade de alguém, não são feitos (ou não podem ser feitos) para significar de forma monolítica. As aventuras linguísticas, epistemológicas, representacionais e políticas experimentais que se ligam a muitos de nós que, às vezes, podemos

Ou seja, há uma infinidade de coisas que a palavra “queer” pode representar, como um conceito plural, não preso a convenções, nem ao tempo, mas que faz parte da história. A experiência queer não pode ser resumida a um conceito ou ideia, ela carrega um significado plural. Apesar disso, o termo não deve ser levado como “algo difícil de ser entendido”, pois, assim como aponta Sedgwick (1994), tirar esses conceitos do seu centro de definição desmaterializa a possibilidade do próprio *queerness*<sup>7</sup>. Ele é complexo, mas isso não o faz ininteligível. Além disso, o queer, como uma identidade, ferramenta crítica e ato de resistência, pode englobar raça, etnia, nacionalidade pós-colonial e outros (Sedgwick, 1994), aumentando ainda mais a sua gama de significados.

Tendo em mente a pluralidade de representações da identidade queer, os estudos queer adotam, em um produto de diferentes vivências, uma abordagem crítica, não só dentro de uma normalidade heterocentrada, mas às consequências e preconceitos desse heterocentrismo dentro da própria comunidade, questionando continuamente as identidades, a normalização e a exclusão (Leopoldo, 2020). Os estudos e práticas queer vem, desse modo, como um movimento de dentro pra fora, a fim de questionar e problematizar não só as agressões advindas de uma exclusão exterior, mas dentro do próprio movimento.

Levando em conta sua emergência e jornada, é possível perceber que os estudos queer são os estudos que criticam a normalidade e “criação do diferente” (Leopoldo, 2020), num viés de imposição de uma elite que pressiona a comunidade queer para as margens da sociedade e os limites sociais da abjeção e exclusão. Vale também lembrar que desde o surgimento, o *queer* causa estranheza, e é visto como estranho, incomum. Desse modo, podemos perceber que criticar a norma não é uma tarefa fácil que será vista com bons olhos, ou aceita com facilidade dentro de uma sociedade que marginaliza tais corpos.

### 2.1.1 CISHETERONORMATIVIDADE E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

---

nos sentir compelidos a nos descrever como (entre muitas outras possibilidades) mulheres insistentes [...]” (Sedgwick, 1994, p. 7, tradução nossa)

<sup>7</sup> Característica de quem é queer.

O primeiro uso do termo “heteronormatividade” foi dado por Michael Warner (1993) na coletiva *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*, onde ele argumentava que se tratava de um sistema político lógico em que se estrutura a sociedade. Além disso, Warner (1993) apontava que a heteronorma regula tudo que pode ser considerado moralmente legítimo e natural, e se expressa em instituições como: o Estado, casamento, núcleo familiar, na mídia, outros veículos e até mesmo nas políticas sociais.

O termo também foi usado posteriormente por Cathy J. Cohen em 1997 (p. 440) como um conceito que visava dar atenção a um sistema supremacista que é a origem das agressões e marginalizações sofridas pela comunidade queer, em contrapartida a termos como homofobia, que colocavam em evidência as características dos grupos oprimidos, ao invés do sistema opressor.

Cohen (1997) também afirma que as instituições centrais em conjunto com as práticas e costumes locais colocam a heterossexualidade num patamar fundamental e natural, reforçando a ideia de que tudo que for contra essa norma, ou perturbar essa ideia, é algo não natural, estranho. Expondo uma interseccionalidade entre raça, classe e gênero, Cohen (1997) já questionava em *Punks, Bulldaggers, and Welfare Queens: The Radical Potential of Queer Politics?* se a heteronormatividade de fato oprimia apenas pessoas não heterossexuais, expandindo o sentido do conceito e denunciando que, até mesmo pessoas heterossexuais eram oprimidas por esse regime político.

Além das relações de poder de sexualidade envolvendo a heteronormatividade, é importante perceber que, este sistema está entrelaçado com várias outras estruturas de poder, como a supremacia branca, capitalismo, e políticas voltadas a “família”<sup>8</sup> (Cohen, 1997). Isso nos chama atenção para os modelos familiares que não são considerados “normais”, que fogem da norma, incluindo famílias heterocentradas não brancas (Cohen, 1997). Além da problematização da heteronormatividade, também é importante notar que, o erro de muitos movimentos queer, é resumir toda a crítica a sexualidade (Cohen, 1997), e como já citado anteriormente, a identidade e movimento queer vão muito além disso, assim como as barreiras da heteronormatividade não param nas categorias sexuais.

---

<sup>8</sup> Coloco aqui o termo “família” entre aspas pois me refiro à aquelas idealizadas pela heteronormatividade.

Conforme mencionado, o movimento queer surgiu em crítica e oposição a uma eminente norma, a heteronormatividade. É importante compreender que, além de uma sexualidade, a heterossexualidade também é uma imposição, um regime, que reserva a abjeção a aqueles que não o seguem (Miskolci, 2020). Além disso, a heterossexualidade também pode ser lida como um regime político (Leopoldo, 2020).

A essência do conceito de heterossexualidade está atrelada à sexualidade que explica quando um indivíduo de um determinado gênero binário tem atração pelo gênero binário oposto. A heteronormatividade surge então para nomear a heterossexualidade como uma norma do sistema, cuja subversão é passível de exclusão social, perseguição, e até mesmo destruição (Rosa, 2020).

Retomando ao momento de crise da Aids nos Estados Unidos, podemos perceber que o vírus HIV era lido, através de um viés religioso e político como uma praga divina e punitiva para aqueles que não se enquadram na norma, ou seja, não se incluíam na heteronormatividade (Leopoldo, 2020). Desde antes do movimento *queer* propriamente dito, já era perceptível a existência de um regime político, conservador e excludente e punitivo que assimilava a heterossexualidade como uma regra inquebrável.

O regime político da heteronormatividade não apenas limita as experiências pessoais e perspectivas sociais, mas também pune severamente quem se atreve a viver fora dele. Rafael Leopoldo (2020) afirma na obra *Cartografia do Pensamento Queer* que, durante a crise da Aids, os indivíduos fora da heteronormatividade foram tratados com violência física ou simbólica. Ademais, Leopoldo (2020) acrescenta que tamanha violência, incluindo a violência policial contra grupos minoritários, foi o pivô da criação de vários grupos de resistência, já que as pessoas trans, travestis e homossexuais precisavam se unir para sobreviver. É de suma importância que venhamos a perceber o histórico de violências sofridas pela comunidade queer, e de como ele está atrelado a uma heteronormatividade desde o surgimento. Ainda que não tivesse propriamente esse nome, já era possível perceber as raízes de um regime político autoritário, profundamente atrelado ao conservadorismo e o religioso.

Richard Miskolci (2020) diz que a heteronormatividade “é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam”. Mas além disso, ele também age como um mantenedor do status quo,

já que por diversas ocasiões na história, a heteronormatividade tem se mostrado aliada direta dos interesses de uma elite política (Miskolci, 2020). Não obstante, a norma também alimenta os interesses do capitalismo, e chegou a se utilizar disso para tentar enfraquecer o movimento, através de uma comercialização do “gay way of life” (“jeito gay de ser”, tradução nossa) (Leopoldo, 2020).

A interação entre o capitalismo e a heteronormatividade não se limita à manutenção da sexualidade dos corpos queer, mas também a integração de parte da comunidade, mais especificamente, os homossexuais, ao regime heterocentrado (Leopoldo, 2020). A influência capitalista e comercialização do “gay way of life” foi uma maneira de enfraquecer o movimento através da ideia de falsa aceitação parcial de parte da comunidade.

Segundo Leopoldo (2020) “quando o capitalismo passa a captar esses fluxos, a codificar esses espaços, surge uma série de produtos e mercadorias para o consumo de gays e de lésbicas, todo um pink money para incrementar este gay way of life”. É como se, depois de ganhar certa força e visibilidade, principalmente no final da década de 1970, o movimento gay comesse a ser visto como um potencial capital, que resultaria também no seu enfraquecimento, pois “é como se a luta pela libertação gay perdesse a sua força ao aderir ao mercado, ao entrar em uma sociedade heteronormativa e cisheteronormativa” (Leopoldo, 2020). Desse modo, o sistema cisheteronormativo passa a “enganar” os grupos partes de uma classe média branca (Leopoldo, 2020) com a ideia de uma falsa aceitação, mas estes também não estão imunes a perseguição e violência, ainda que experienciem de uma maneira diferente das classes mais vulneráveis (Leopoldo, 2020).

Percebendo as nuances da cisheteronormatividade, agindo como uma pressão não somente externa, mas também de dentro para fora dos movimentos sociais e grupos minoritários, é possível concluir que esta força age tão esmagadoramente que se torna uma tarefa difícil escapar dela no dia-a-dia da pessoa *queer*. Miskolci (2020, p. 44) aponta que

em nossos dias, a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que as pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória.



Desse modo, podemos entender que a heteronormatividade mantém alguns indivíduos queer em uma situação de “conforto”, contanto que eles se encaixem nos padrões exigidos. Ademais, isso pode ser percebido na influência da heteronormatividade dentro das relações e vivências *queer*, pois “nesse contexto, não é possível dizer que se nega a elas a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantêm a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as” (Miskolci, 2020). Por esse motivo, a heteronorma criaria agora, um padrão de passabilidade, onde determinados indivíduos, ainda que fossem *queer*, poderiam sofrer menos ou nenhuma violência contanto que estivessem vivendo de acordo com as normas.

Miskolci (2020, p. 45) afirma ainda que “é compreensível que haja tantos casais gays que buscam, com grande dificuldade, adotar um padrão hétero em seus relacionamentos”. Ou seja, as pessoas queer acabam que, por medo, talvez até inconsciente, se forçando a adotar uma maneira de viver dentro dos padrões da heteronormatividade. Essa busca acaba não sendo somente pela validação que as comunidades gays buscam, mas também pela sobrevivência. Sendo assim, “isso é clara expressão da vigência da heteronormatividade, dentro da qual uma relação só é reconhecida socialmente se seguir o antigo modelo do casal heterossexual reprodutivo” (Miskolci, 2020), no sentido de que para que haja uma “aceitação” de casais homoafetivos dentro da sociedade heteronormativa, eles têm que adotar padrões heterossexuais como adotar filhos, por exemplo.

Se para Miskolci (2020, p. 46), “a heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero”, ou seja, a heterossexualidade se sustenta não apenas na manutenção da sexualidade, mas também do gênero.

Segundo Butler (2018), policiar a sexualidade não é o suficiente para garantir a supremacia da heterossexualidade, mas também a delimitação do gênero. Como resultado, Butler (2018) propõe que os gêneros sejam consolidados a partir de uma hierarquia de gênero. Sabendo que o gênero é também um fator importante na norma vigente, cabe aqui a noção recente que se prova de suma importância para o entendimento desse sistema opressor, a da cisgeneridade, que foi utilizado por Raíssa Grimm para definir pessoas que não são transgênero (Rosa, 2020).

Partindo do pressuposto que a heteronormatividade espera, como norma, que os indivíduos também sejam cisgênero (não trans). Percebendo então que essa opressão vai além de apenas uma manutenção da heterossexualidade, e também visa controlar e delimitar o gênero dos corpos queer, é possível assimilar que, para que haja um sistema de heteronormatividade, antes há uma cisheteronormatividade (Rosa, 2020).

Levando em conta os apontamentos feitos no decorrer deste texto, é possível entender porque a “heteronormatividade é o grande alvo queer, pois ela não é apenas restrita aos heterossexuais. A heteronormatividade é um problema inclusive entre homossexuais” (Miskolci, 2020, p. 46). Como citado anteriormente, o regime da heteronorma funciona não somente como uma pressão externa, mas também influencia as entranhas dos movimentos sociais.

Tendo uma noção dos horrores que a heteronormatividade impunha àqueles que destoam de seu regime, não é difícil imaginar que as violências, humilhações e abjeção reservados às pessoas queer causem consequências profundas na sociedade. Segundo Richard Miskolci (2020, p. 46), “a heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto”, ou seja, uma forte pressão sobre os sexos para que eles estejam dentro dos conformes sexuais da heteronormatividade.

A pressão para que os indivíduos cumpram o dever para com a norma heterossexual não se limita a exemplos do dia-a-dia, mas está presente em todos os lugares. “Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas de imagens de casais heterossexuais” (Miskolci, 2020, p. 46), ou seja, a ausência de representatividade homoafetiva e queer nos meios midiáticos também são uma forte contribuição para a heterossexualidade compulsória.

Popularizado originalmente por Adrienne Cecile Rich (2012), o conceito de heterossexualidade compulsória surgiu em uma tentativa da autora de desafiar o apagamento lésbico no movimento feminista. A teoria de Rich (2012) nos faz pensar sobre a heterossexualidade imposta de maneira não natural até mesmo as pessoas de diferentes sexualidades, que por vezes acabam desenvolvendo comportamentos compulsórios em decorrência dessa imposição da norma.

Pensada como uma forma de controle social, podemos entender a heterossexualidade como uma estrutura de poder, que irá penalizar e discriminar a

diversidade a fim de agir como manutenção da heteronormatividade. A partir daí, podemos refletir como esta estrutura de poder origina vários tipos de violência e horrores sobre os indivíduos desviantes da norma que não se encaixam dentro dos padrões heteronormativos.

A heterossexualidade compulsória nos traz ao grande questionamento sobre a natureza da heterossexualidade, que é tido como norma padrão, como o que deve ser. Diferente das sexualidades diferentes do que é lido como padrão normativo, a heterossexualidade não é questionada e muito menos lida como “opção” ou orientação (Miskolci, 2020). Assim como Adrienne Cecile Rich (2012) aponta para a violência originada de tais pressupostos na comunidade feminista, cabe aqui também a reflexão sobre as opressões e violências que atingem outros grupos minoritários, como o queer, em decorrência desse sistema normativo.

### 3 “THIS HELL IS BETTER WITH YOU!”<sup>9</sup>: ANÁLISE CRÍTICA

Nesta seção, apresentamos as análises do corpus de pesquisa. Primeiro, destacamos a artista, Rina Sawayama e o álbum musical para, na sequência, analisarmos e discutirmos as canções escolhidas.

#### 3.1 RINA SAWAYAMA

Nascida na cidade de Niigata, no Japão, a cantora e modelo Rina Sawayama sempre deixou claro que o propósito de sua música, era dar voz a uma causa, seja essa voz proclamada ao falar de sua experiência como uma pessoa asiática, ou também das nuances que vive enquanto pessoa queer.

Rina Sawayama vem lutando contra o conservadorismo e dando voz à comunidade queer, da qual faz parte, desde seu surgimento. Em 2019, durante o festival de música Summer Sonic no Japão, Sawayama bradou contra o conservadorismo do país e contra as leis contra o casamento de pessoas do mesmo gênero, “I’m bisexual, but if I try to have a same-sex marriage here, I can’t,”<sup>10</sup> bradou ela no meio de sua apresentação (Iftikhar, 2022, online). Não apenas isso, mas a cantora também já falou contra a contratação de compositores homens brancos cisgêneros e heterossexuais para falar sobre as vivências de grupos minoritários, principalmente mulheres e pessoas queer (Megarry, 2019, online).

---

<sup>9</sup> “Esse inferno é melhor com você!”, trecho da música “This Hell” de Rina Sawayama que foi escolhido para nomear o segundo capítulo, já que ele remete a experiência de solidariedade entre pessoas queer, que é um dos temas desta pesquisa. (tradução nossa)

<sup>10</sup> “Eu sou bissexual, mas se eu quiser me casar com uma pessoa do mesmo gênero aqui, eu não consigo” tradução nossa.

Figura 1: Rina Sawayama ao lado de Elton John



Fonte: Site oficial do Elton John (John, 2021)

Apesar do álbum *Hold the Girl* (2022) ter sido escolhido para a problematização da pesquisa, Rina Sawayama já expressava sua vivência queer em outros trabalhos, como na música “Chosen Family”, faixa de seu primeiro álbum de estúdio *Sawayama* (2020), que posteriormente ganhou uma nova versão estreando Elton John, famoso musicista britânico abertamente queer.

Ainda segundo o relato da cantora para a revista *Gay Times*, há inúmeras pessoas talentosas que são parte de grupos minoritários, mas que não recebem o devido reconhecimento (Megarry, 2019, online). Pensando nisso, a artista Rina Sawayama e seu trabalho foi uma das primeiras opções quando se fez o levantamento de temas para futuras pesquisas, pois assim como a sua música, esta pesquisa também visa falar sobre as vivências das pessoas queer sob a perspectiva de uma pessoa queer. Alguns dos trabalhos de Rina Sawayama Incluem:

Quadro 01 - Obras musicais de Rina Sawayama.

Ano de lançamento	Título	Tipo de mídia
2017	RINA	EP
2020	SAWAYAMA	Álbum
2022	Hold The Girl	Álbum

Fonte: Genius (2022, online)  
Autoria do pesquisador

Rina Sawayama possui um total de dois álbuns de estúdio gravados, e outros trabalhos anteriores. Apesar de comentar e trazer a temática queer em outros momentos de sua carreira, esta pesquisa atem-se ao álbum *Hold The Girl* (2022) que atende os critérios de inclusão e exclusão: foi escolhido o álbum que tratasse as vivências das pessoas queer em sua grande parte e conversasse com a temática da pesquisa, apontando as vivências não somente de Rina Sawayama, mas também de amigos e pessoas relacionadas a ela que também fazem parte da comunidade.

### 3.2 HOLD THE GIRL (2022)

Em seu segundo álbum de estúdio, *Hold The Girl* (2022), Rina Sawayama traz uma sonoridade rock progressivo, rave dos anos 90 e até mesmo country para falar de suas próprias vivências, dores e processo de cura. O álbum que foi escolhido como objeto de pesquisa, conta com músicas como “This hell”, que fala sobre a massiva imposição cristã sobre pessoas queer irem para o inferno por serem quem são, “Holy (Til You Let Me Go)”, que fala da perspectiva da artista com relação a religiosidade, “Your Age” que fala sobre uma fase da vida de Rina Sawayama em que ela foi alvo de abusos psicológicos advindos de um professor, e “Send My Love to John”, que traz o ponto de vista da mãe de um dos amigos da cantora, que não aceitava o filho por ele ser “diferente”. Indo por esse caminho, o álbum *Hold The Girl*, de todos os trabalhos de Rina Sawayama traz uma perspectiva inata da cantora sobre as vivências e dilemas da comunidade queer e as violências que essa comunidade sofre.

figura 2: Capa do álbum *Hold the Girl*



Fonte: Spotify

A capa do álbum *Hold the Girl* (2022) traz um reflexo das letras de suas músicas, com uma mão levada ao queixo de Sawayama “segurando a garota”, expondo muito do viés intimista que a obra carrega. Em suas músicas, a artista fala sobre ela, para ela e com ela, expondo para as pessoas que ouvirem uma experiência de autoconhecimento enquanto pessoa queer. Isso também nos remete ao apoio que a comunidade queer deve ter para si, pois assim como apontam Richard Miskolci e Rafael Leopoldo (2020), o movimento queer foi criado em meio a desavenças e divergências dentro da própria comunidade. Da mesma maneira que a mão da própria Sawayama é quem a apoia, devemos refletir sobre tais divergências dentro da comunidade. Se um grupo não se apoia e se une, não há maneiras de lutar contra uma violência sistêmica que é muito maior.

O álbum musical, lançado em 2022, traz uma variedade de gêneros alternativos e contém 13 faixas, são elas:

Quadro 02 - Faixas do álbum de músicas *Hold The Girl* (2022).<sup>11</sup>

Nº	Título	Descrição
1	Minor Feelings	A música homenageia no livro de mesmo nome da poetisa Cathy Park Hong, que fala sobre a marginalização de pessoas asiático-americanas.

<sup>11</sup> 1 “Sentimentos Menores”, 2 “Segure a Garota”, 3 “Este Inferno”, 4 “Me apare no ar”, 5 “Perdão”, 6 “Santa (Até Você Me Deixar Ir)”, 7 “Sua Idade”, 8 “Imaginando”, 9 “Frankenstein”, 10 “Furacões”, 11 “Mande Meu Amor ao John”, 12 “Fantasma”, 13 “Estar Viva”, tradução nossa

2	Hold The Girl	Composta baseada em uma sessão de terapia, a música narra a jornada de autoconhecimento onde Rina Sawayama encontra uma versão melhor de si mesma.
3	This Hell	Uma música que a artista compôs para celebrar a comunidade queer em um momento, segundo ela, em que o mundo parecia um inferno.
4	Catch Me In The Air	Criada por uma mãe solteira, Rina Sawayama narra sua relação e experiência das duas como amigas e irmãs, apoiando uma à outra.
5	Forgiveness	Palavra muito importante para Sawayama, que conta na música que ao invés de ignorar experiências ruins passadas ela deve enfrentá-las e perdoar as pessoas.
6	Holy (Til You Let Me Go)	Narra a experiência da cantora durante a adolescência, em que frequentava uma igreja atrelada a uma escola para garotas. Segundo Sawayama, foi uma experiência traumática e a música representa o processo de cura.
7	Your Age	Fala sobre as violências geracionais que Sawayama sofreu e a perseguição que tinha que enfrentar quando mais nova por pessoas mais velhas que a julgavam por ser quem é.
8	Imagining	Descreve a sensação do <i>gaslight</i> , onde você não entende de fato o que está acontecendo.
9	Frankenstein	Nesta canção, Sawayama descreve como é se relacionar com uma pessoa traumatizada psicologicamente, pedindo para ser consertada, juntando as peças como o monstro de Frankenstein.
10	Hurricanes	Fala sobre autossabotagem, estar sempre em direção à destruição e aos problemas.
11	Send My Love To John	Conta a história real de um amigo de Sawayama, pessoa queer que sofreu forte rejeição por parte da família. A música narra uma carta de arrependimento da mãe desse amigo.
12	Phantom	A música narra um processo de luto que Rina Sawayama enfrenta pela sua versão mais jovem, que se perdeu tentando caber em moldes e tentando agradar as pessoas.
13	To Be Alive	Depois de tantos processos traumáticos, Sawayama finalmente se sente liberta e plena, chegando enfim ao momento de sentir-se viva.

Fonte: Genius (2022, online)  
 Autoria do pesquisador

Levando em conta as informações citadas acima, foi escolhido o álbum *Hold The Girl*, de Rina Sawayama como corpus de pesquisa deste trabalho, mais especificamente, as músicas “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”, pois acreditamos que elas são utilizadas por Sawayama para denunciar as violências e opressões sofridas por pessoas queer dentro de um



contexto religioso ultraconservador. Denúncia essa que se relaciona com a temática proposta pela pesquisa e com o objetivo de explorar a demonização dessas pessoas, tais quais as suas consequências por entidades cristãs conservadoras.

Para a organização deste corpus, foram levados em consideração os seguintes critérios de exclusão e inclusão: foram escolhidas as músicas que estavam em consonância com a temática, isto é, de alguma forma, conversavam com as vivências da comunidade queer, ao invés de perspectivas mais individuais.

### 3.2.1 THIS HELL

Segundo para as análises, os critérios de inclusão e exclusão configuram as partes das letras das músicas que conversam com a temática da pesquisa, além de representar a experiência queer dentro do cenário e contexto social apontado pela artista Rina Sawayama. Assim como aponta a cantora em uma entrevista sobre o álbum para MTV News (2022, online): “Eu estou sempre pensando em como as coisas estão interconectadas. O pessoal é sempre político e sempre sociológico” (tradução nossa)<sup>12</sup>, ou seja, as músicas sempre serão políticas e sempre apontaram uma problemática social. Diante disso, também se faz necessário salientar que as análises aqui feitas não são cunhadas de uma natureza neutra e imbuem as interpretações pessoais do pesquisador baseadas em estudos e embasamento científico.

A primeira música lançada do álbum *Hold the Girl* (2022) foi “This Hell”, estreando em maio de 2022. Segundo o site Genius (2022, online), a música foi promovida com cartazes que diziam “Rina vai ao inferno”<sup>13</sup> (tradução nossa), fazendo alusão a cartazes de grupos cristãos ultraconservadores que protestam contra a existência de pessoas queer. Apesar de trazer uma batida agitada e uma atmosfera divertida, a música aponta questões sérias sobre a vigência das pessoas queer e as violências sofridas por elas na esfera social.

Quadro 03 - Trecho da música “This Hell” (2022).

1	Saw a poster on the corner opposite	Vi um poster no canto oposto do motel
---	-------------------------------------	---------------------------------------

<sup>12</sup> “I’m constantly thinking about how things are interconnected. The personal is always political and always sociological” (MTV News, 2022, online)

<sup>13</sup> “Rina is going to hell” (Genius, 2022, online)

	the motel	
<b>2</b>	Turns out I'm going to Hell if I keep on being myself	Parece que eu vou pro inferno se continuar sendo eu mesma
<b>3</b>	Don't know what I did, but they seem pretty mad about it	Não sei o que fiz, mas parecem bem zangados com isso
<b>4</b>	God hates us? Alright then	Deus nos odeia? Que seja, então
<b>5</b>	Buckle up, at dawn, we're Riding	Aperte os cintos, partimos na alvorada

Fonte: Genius (2022, online)  
 Autoria do pesquisador

A letra de “This Hell” retrata em um tom alegre e irônico a existência de pessoas queer em uma sociedade de subjugo, onde, apesar da perseguição, elas resistem e continuam vivendo suas existências.

A começar pelo título, “This Hell”, onde tanto o pronome demonstrativo “This” (esse) quanto o termo “Hell” (Inferno) estão com as iniciais em maiúsculo, indicando que além da proximidade, “Este Inferno” é um lugar muito bem definido, com um nome próprio e uma localidade próxima. Ao usar inferno como um substantivo próprio, Sawayama nos aponta a um lugar cuja definição está muito bem delineada. No caso, por uma elite, que reserva a “Esse Inferno”, pessoas que fogem das convenções sociais por ela estabelecidas (Miskolci, 2020; Leopoldo, 2020). Ademais, podemos também inferir esse inferno com nome e sobrenome, como uma idéia que tem sido utilizada como uma ferramenta de opressão por meio do medo, desde a idade média no início de sua construção como um local físico relegado a quem desobedecesse às normas (Minois, 2023), nos deixando interpretar assim que “Este Inferno” tem uma função e objetivos bem definidos.

No trecho 1 “Saw a poster on the corner opposite the motel” e 2 “Turns out I'm going to Hell if I keep on being myself” Rina Sawayama faz uma alusão aos protestos anti LGBTQIAPN+<sup>14</sup> em que pessoas de igrejas ultraconservadoras promovem preconceito e ódio por meio de cartazes, especialmente em paradas da diversidade e orgulho.

<sup>14</sup> Sigla que engloba o grupo de indivíduos que não se encaixam nos padrões heteronormativos e binários de gênero e/ou sexualidade.

Figura 3: Membros da Igreja Batista de Westboro protestam contra o orgulho queer.



Fonte: NCA, 2016 (online)

Cartazes como esses comumente levantados por membros de igrejas como a Batista de Westboro promovem frases como “Deus odeia os homossexuais”, “Deus odeia imigrantes”, “Deus odeia o orgulho queer”, “Deus é seu inimigo” entre outras mensagens de ódio contra grupos minoritários. Assim como apontam Miskolci e Leopoldo (2020), a cisheteronormatividade é um regime político que impõe padrões de gênero e sexualidade como uma regra, uma imposição de uma elite contra um grupo minoritário que, caso não seja seguida, responderá com exclusão, abjeção e diversos tipos de violência (Miskolci, 2020). Além disso, não é atoa igrejas ultraconservadoras protegerem os interesses de uma elite política, já que, assim como descreve Louis Althusser (1980), os aparelhos ideológicos do estado, incluindo o religioso, funcionam como agentes mantenedores da ideologia dominante, repreendendo aqueles que fogem de uma estrutura social já estabelecida e normalizada, nesse caso, a cisheteronormatividade.

Ao declarar que pessoas queer são inimigas diretas do “Deus”<sup>15</sup> cristão, os aparelhos religiosos ultraconservadores atribuem a esse grupo um caráter de mal inerente. Ou seja, um mal sem solução a qual o único lugar possível de aceitação é a abjeção (Miskolci, 2020), na tentativa de vilanizar, demonizar essas pessoas como grandes inimigos de “Deus”. Outrossim, a idéia de que as pessoas queer não podem sequer existir em locais públicos sem serem surpreendidas com mensagens de ódio em cartazes ou pôsteres nos lembram que o movimento queer nasce como uma “recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são

<sup>15</sup> Utilizo aspas sempre que me referir a um “Deus” cristão pois, como pesquisador, reconheço que nem todas as perspectivas religiosas ou igrejas têm a mesma visão de um Deus especialmente utilizado como recurso ideológico para fomentar discursos de ódio.

relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (Miskolci, 2020), que é onde notamos como essa demonização afeta a comunidade queer, não os permitindo ter uma vida pública normal dentro da esfera social.

No verso 3, “Don’t know what I did, but they seem pretty mad about it”, pode ser inferido o sentido de que pessoas queer, sem ao menos terem ideia do porquê, são perseguidas e subjugadas em um contexto religioso que, por maior parte das vezes, sequer configura suas próprias crenças. Nesse sentido, a própria idéia de livre arbítrio, difundida por várias vertentes do cristianismo, se torna falaciosa, uma vez que qualquer um que se opor a tal crença não pode viver normalmente sem sofrer represália, subjugo, abjeção e exclusão.

Fazendo esse mesmo recorte no Brasil, que acontece de ser um dos países que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, dentre os dados, o que lidera o ranking de assassinatos contra pessoas trans (ANTRA, 2025, online), tais violências são reforçadas por discursos de ódio como esses, disseminados por igrejas ultraconservadoras. Além disso, as pessoas transgêneros também é negado o direito de trabalhar, pois sofrem forte exclusão e represália no mercado de trabalho, que acaba marginalizando essas pessoas e as obrigando terem como única fonte de renda a prostituição (ANTRA, 2025; MG2, 2018). É a estas pessoas, que é negado o direito de escolher, o “livre arbítrio”. Assim como aponta Butler (2018): Aqueles que falham em performar as normas de gênero, são duramente punidos, discurso fomentado por tais aparelhos ideológicos que sujeitam indivíduos queer a viver de maneira sub humana.

Na linha 4, “God hates us? Alright then”, Sawayama aceita o caráter demoníaco e vilanesco atribuído a ela e todas as pessoas queer, se negando a mudar sua natureza em prol de preceitos religiosos. Ademais, quando se trata da letra de uma música, não podemos deixar de analisar seus aspectos lexicais, como o eu lírico que pergunta “God hates us?”, que não espera uma resposta e logo em seguida responde a si mesmo. Antipófora é uma figura de linguagem que consiste em uma pessoa ou personagem fazer uma pergunta a si mesmo e depois responder (Cuddon, 2013). Tal artifício linguístico pode ser interpretado como uma maneira de dizer que Sawayama não precisa de uma resposta, ela não precisa saber porque “Deus” odeia a comunidade queer. A comunidade não precisa de uma explicação que tente justificar a perseguição e as violências que sofre, ao invés disso, eles seguem: “Alright then”, indicando que se uma maioria social os oprime, tudo que

lhes resta é continuar vivendo e resistindo como tem feito desde o seu surgimento (Miskolci, 2020). Para além disso, a ideia de não precisar de uma resposta também pode sugerir uma maneira de negar tal perseguição em nome de uma fé religiosa.

Apesar de trazer uma discussão muito séria em torno da problemática demonização das pessoas queer, “This Hell” traz um ritmo dançante e divertido, transformando um momento de perseguição na celebração do amor e da comunidade. Pois, apesar dos pesares e de enfrentar tanto ódio, só resta celebrar e resistir com amor, por isso, “Buckle up, at dawn, we're riding”. Como declarado pela própria Rina Sawayama em uma entrevista para a Pitchfork: “When the world tells us we don't deserve love and protection, we have no choice but to give love and protection to each other. This Hell is better with you”<sup>16</sup> (Strauss, 2022, online).

Em outras palavras, a artista diz que em um momento em que direitos humanos estão sendo retirados das pessoas queer em nome de um tradicionalismo religioso, não nos resta ninguém além de nós<sup>17</sup> mesmos. Assim, para qualquer “inferno” que enfrentam, a comunidade queer encontra força na solidariedade, já que, como lembra a música “This Hell is better with you”. Além do movimento de cavalgar até o amanhecer citado no último verso, também é possível notar um movimento do passado e presente para o futuro nos 5 versos selecionados, que podem ser interpretados como uma esperança de um futuro melhor em meio a enxurradas de discursos de ódio. O amanhã será melhor e juntos, cavalgaremos para um futuro onde a comunidade queer não viva coagida.

### 3.2.2 HOLY (TIL YOU LET ME GO)

Fundada em 1428, a Faculdade de Magdalene é uma vertente da famosa faculdade britânica de Cambridge (Cambridge, 2025), onde Rina Sawayama teria sido graduada em bacharel em ciência política. A passagem de Sawayama pela faculdade não foi das mais pacíficas, já que, segundo relatos da artista, teria sido marcada por bullying, racismo, depressão e outras agressões (Genius, 2022). Apesar disso, a formação no campo das ciências sociais teria sido de grande ajuda

<sup>16</sup> “Quando o mundo nos diz que não merecemos amor e proteção, não temos outra escolha a não ser dar amor e proteção uns aos outros. Este Inferno é melhor com vocês” (Strauss, 2022, online)

<sup>17</sup> Em determinados momentos deste trabalho, utilizarei a primeira pessoa do plural ao me referir à comunidade queer. Faço isso conscientemente, pois, além de pesquisador, também me incluo como parte dessa comunidade. Assim, reconheço que minha escrita parte de um lugar de vivência e pertencimento, além das minhas interpretações pessoais.

para a formação crítica da cantora e, portanto, tendo grande papel em suas músicas (Genius, 2020). Essa experiência, somada a fase de sua vida em que frequentava uma igreja e escola só para meninas no ensino médio, teriam sido as principais inspirações para a música “Holy (Til You Let Me Go)”, que explora a relação da cantora com a religiosidade.

Quadro 04 - refrão da música “Holy (Til You Let Me Go)” (2022).

<b>1</b>	I was innocent when you said I was evil	Eu era inocente quando você disse que eu era má
<b>2</b>	I took your stones and I built a cathedral	Eu peguei suas pedras e construí uma catedral
<b>3</b>	Found my peace when I lost my religion	Encontrei minha paz quando perdi minha religião
<b>4</b>	All these years I wished I was diferente	Todos esses anos eu desejei ser diferente
<b>5</b>	But, oh, no, now I know	Mas, oh, agora eu sei
<b>6</b>	I’m holy till you let me go	Que sou santa até você me deixar ir

Fonte: Genius (2022, online)  
A autoria do pesquisador

A passagem do refrão narra o momento em que Rina Sawayama percebe que a religião que lhe oprimia e as pessoas que a criticavam não definiam sua existência nem caráter. Mais detalhadamente, no trecho 1 “I was innocent when you said I was evil”, trecho que dá título a esta pesquisa, a artista, além de falar sobre sua própria vivência e episódios traumáticos, também nos remete para a perseguição desproporcional que a comunidade queer sofre em nome de preceitos religiosos, atribuindo uma natureza maligna a um grupo minoritário que está apenas (r)existindo. Para mais, esse trecho também nos leva de volta a premissa de que essa atribuição maligna é constantemente dada à comunidade queer (Leopoldo, 2020). Principalmente em momentos de crises, doenças ou catástrofes naturais, a ideia de que tais adversidades são uma “punição divina” é constantemente retomada por grupos religiosos conservadores (Leopoldo, 2020). Além disso, também podemos levar em consideração que a linha 1 também se refere a(s) violência(s) sofrida(s) pelas pessoas queer antes mesmo de terem constituído suas

próprias identidades, já que a representação de inocência é constantemente atrelada às primeiras fases da vida, como no período infantil ou adolescente. Reforçando essa idéia, Paul B. Preciado (2013) nos esclarece que, para a criança ou adolescente queer, é negado até mesmo o direito de ter um pai e uma mãe presentes, tudo em nome de uma religiosidade que reforça normas sexuais e de gênero.

No verso 2, “I took your stones and I built a cathedral”, Sawayama usa símbolos religiosos para dar ênfase no seu processo de cura, em que, resistindo a perseguição que sofrera por anos, ela finalmente construiu sua própria “cathedral”, seu lugar de adoração no qual ela é sua própria fortaleza. Além disso, a palavra “stone” (pedra) também não foi escolhida por acaso, já que ela é um recorrente símbolo bíblico de julgamento, represália e punição, como citado no livro bíblico João, capítulo 8 (Bíblia, 2010), que narra a história de uma mulher que estava sendo julgada por adultério, correndo risco iminente de morte por apedrejamento. No entanto, as pedras, que são um símbolo de julgamento e punição, para Sawayama acabam se convertendo em uma força maior, que representará sua superação em meio ao contexto caótico desses episódios traumáticos.

Seguindo para o verso 3, “found my peace when I lost my religion”, onde a cantora expressa que, para finalmente estar em paz, teve que abandonar o meio religioso que a perseguiu e reprimia. Com a finalidade de reforçar sua idéia, Rina Sawayama usa os termos antitéticos “found” e “lost”, isto é, que apresentam idéias contrárias. Ademais, utilizando estes dois termos, a artista nos provoca a reflexão sobre, como, em teoria, a religião deveria proporcionar uma experiência de paz, comunidade e conforto, mas na verdade é o completo oposto para pessoas que não se encaixam nos padrões sociais por ela defendidos.

Como citado anteriormente, pessoas queer existem em uma sociedade que lhes culpabiliza por uma infinidade de males que possam acontecer (Leopoldo, 2020), além de serem considerados uma mancha, sujeira na hegemonia social, por fugirem dos padrões de sexualidade e gênero (Miskolci, 2020). Dessa forma, não é difícil imaginar que boa parte das pessoas queer, especialmente aquelas que como Rina Sawayama, tiveram contato com um meio conservador religioso, crescem encubidas de uma culpa que não é delas. Seguindo esse raciocínio, o verso 4, “all these years I wished I was different”, expressa o tempo que a cantora passou

tentando se converter ao caminho religioso, que exigia dela a negação da própria identidade e natureza.

Chegando nos trechos 5, “but, oh, no, now I know” e 6, “I’m holy till you let me go”, a artista chega no seu momento de catarse, que configura a libertação de fortes emoções (Cuddon, 2013), finalmente se libertando das emoções ruins que sentiu por tanto tempo, culpa, dor e violência. Além disso, a artista aceita sua “santidade” dentro dos seus próprios conceitos, ressignificando a ideia de algo “holy” (sagrado, santo), das mãos de quem utiliza essa idéia para manipular e manter a ideologia dominante, para agora, o indivíduo oprimido que se liberta dessa opressão.

Além desses dois últimos trechos específicos, podemos perceber a repetição da vogal “I” em todos os versos do refrão, em alguns, como no 1, 2 e 4, esse elemento se repete mais de uma vez. Esse movimento anafórico, dado pela repetição do pronome pessoal “I” (eu), pode ser interpretado como a mudança de perspectiva de Rina Sawayama, que antes, tinha sua experiência centrada e controlada por pessoas que se escondiam atrás de um conservadorismo religioso para oprimi-la, e que agora, estava negando essa violência e tomando posse da sua própria existência.

Assim, o foco agora não seria mais a religião, nem as pessoas que a oprimiam, e sim, ela mesma, o “eu”, que agora era seu próprio templo, seu próprio altar e era considerado santo para ela mesma. Ademais, se colocando como santa para si mesma, a cantora contraria diretamente a visão heteronormativa e conservadora que considera corpos desviantes das convenções sociais de gênero e sexualidade como “sujos” e “impuros” que merecem ser lavados da terra por “Deus” (Leopoldo, 2020).

### 3.2.3 YOUR AGE

Ainda falando da sua experiência durante os anos de escola, Rina Sawayama conta em entrevista para BBC News (2023) que passou por uma experiência traumática aos 17 anos, em que foi perseguida e psicologicamente abusada por um professor de 30 anos. Julgada por seu corpo, aparência e sexualidade, Rina Sawayama passou por uma situação em que de tanta culpa, e sentimentos ruins atribuídos a ela pelo adulto abusador, ela se dissociou de seu corpo e passou a sentir ansiedade e medo, perdendo o senso de si mesma (BBC



News, 2023). Apesar de a idade sempre ter sido um tópico sensível para a artista (BBC News, 2023), o amadurecimento, junto a bastante terapia, trouxeram para ela a percepção do quão problemáticas foram algumas de suas experiências enquanto criança/adolescente. Sendo assim, chegando aos 30 anos, mesma idade do seu agressor quando ela tinha 17 anos (BBC News, 2023), Sawayama começa a perceber que, como uma adulta, ela jamais teria feito algo tão horrível quanto o que seu(s) agressor(es) fez a ela, o que leva ao título da sétima faixa do álbum, “Your Age” (sua idade, tradução nossa).

Quadro 05 - trecho da música “Your Age” (2022)

1	Not a secret, not a problem	Não um segredo, não um problema
2	Not a symptom or cure	Não um sintoma ou cura
3	Not a villain, not a mistake	Não uma vilã, não um erro
4	Not in the eyes of God	Não aos olhos de Deus
5	Not a weakness, not a failure	Não uma fraqueza, não uma falha
6	Not a saviour, oh no	Não uma salvadora, oh não

Fonte: Genius (2022, online)  
 Autoria do pesquisador

O trecho traz uma série de rótulos dados a Sawayama, que os nega em sequência, como um mantra contra as violências e perseguições que sofreu. Na linha 1, “Not a secret, not a problem”, a compositora nos lembra que, para as pessoas queer, “os humilhados e ofendidos, os relegados à vergonha e à abjeção, sofrem mais e são os que denominamos esquisitos” (Miskolci, 2020, p. 25), ou seja, em grande parte, as pessoas queer são obrigadas a viverem em “segredo”, para escapar da humilhação e vergonha pública atribuída a elas

No verso seguinte, a cantora completa “Not a symptom or cure”, o que pode ser uma alegoria, tanto a ameaça que as pessoas queer representam pra hegemonia social (Miskolci, 2020), quanto para a patologização desse grupo (Leopoldo, 2020), que até menos de meio século atrás, possuíam um espaço na lista de transtornos mentais da Organização Mundial de Saúde (Abdala, 2024). Além disso, pessoas queer são constantes alvos de propaganda de terapia de “cura”, que

são oferecidas por igrejas ainda nos dias de hoje (Farley, 2020). Levando isso em consideração, podemos concluir que, apesar do mundo ter mudado, a visão sobre as pessoas queer não é tão diferente da de durante a crise da aids, em que eram vistas como a personificação da própria doença (Leopoldo, 2020).

A vilanização, isto é, atribuição de pessoas queer como vilãs, da heteronormatividade, do núcleo familiar, considerado base da cultura, é algo constante, principalmente dentro de movimentos conservadores (Leopoldo, 2020). Seguindo esse pensamento, no verso 3, “Not a villain, not a mistake”, podemos assumir que a compositora fala sobre essa visão de que as pessoas queer são grandes vilões da ordem social, que procuram pela destruição de tudo que é sagrado, como o núcleo familiar. Além de tudo, para algumas igrejas cristãs, o fato de ser queer é um pecado gravíssimo, perdendo apenas para matar (ABC News, 2011), que vai contra um dos dez mandamentos definidos no capítulo 20 do livro de Êxodo (Bíblia, 2010).

Já no verso seguinte, a cantora completa com “not in the eyes of God”, negando que todo o ódio e perseguição sofrido por pessoas queer em nome de preceitos religiosos venha, de fato, de “Deus”. Em consonância com as outras músicas citadas nesta pesquisa, Rina Sawayama expõe que não nega Deus, fé ou até mesmo a religião, mas sim o ódio e preconceito desferidos em seu nome. Esse trecho também pode ser interpretado como a visão (“eyes”) de Deus pode ser deturpada em prol da validação ou justificativa de violências e perseguição contra grupos minoritários, principalmente contra pessoas queer.

Apesar de ter passado por episódios traumáticos durante a juventude, Rina Sawayama não se coloca num lugar de vitimização, como dito nos trechos 5, “not a weakness, not a failure” e 6, “not a saviour, oh no”, que podem ser interpretados como uma maneira de se humanizar, mesmo em situações de violência, já que ela diz que, apesar de não ser uma “fraqueza”, ou “falha”, ela não se coloca no lugar de “salvadora”, expondo sua humanidade, se colocando no lugar de uma pessoa que, assim como qualquer outra, possui falhas e comete erros, mas isso não a torna passível de exclusão, perseguição e abuso.

No geral, o trecho inicial traz um ritmo constante que segue as declarações seguidas da cantora. O trecho como um todo traz o recurso retórico da anáfora, isto é, uma repetição de palavras que ajudam a construir seu sentido ou enfatizar uma idéia (Cuddon, 2013). Dentro desse movimento anafórico, encontramos a repetição

dos termos “Not a”, além do sujeito indefinido ou oculto no início de cada verso, que podem nos trazer inúmeras interpretações. Primeiramente, podemos especular que a repetição do artigo indefinido “a” (um/uma) logo depois do “Not” como uma recusa da rotulação da existência queer dada pela heteronormatividade, que as conota como problema, erro, que devem ser mantidos em segredo para não perturbar a ordem social (Leopoldo, 2020).

Em seguida, podemos inferir que, ao contrário de “Holy (Til You Let Me Go)”, que enfatizava e repetia o sujeito individual “I” (eu), em “Your Age” nos é apresentado um sujeito oculto, indefinido, que não está no início das sentenças, ou seja, um sujeito plural, que engloba todos os tipos de sujeitos, negando essa rotulação em conjunto, em comunidade, afirmando que a heteronormatividade não pode definir as experiências queer que se apresentam de maneira plural e múltipla, tanto em gênero quanto sexualidade (Miskolci, 2020).

Por fim, a falta de um sujeito “I” (eu), também nos remete a um momento em que Sawayama dissociou-se de seu próprio corpo, de tanto ter sua identidade atacada, ou seja, seu “eu” estava destruído, o que indica também uma denúncia de que, além de sua identidade que lhe foi negada, há vários sujeitos “ocultos” que sofrem os mesmos tipos de violência.

### 3.2.4 SEND MY LOVE TO JOHN

Inspirada em pessoas próximas a ela que estavam se tornando pais, Rina Sawayama traz uma canção falando sobre a relação entre pais e filhos e a reconciliação entre pais e crianças (Genius, 2020). Sendo assim, em uma balada acústica, a artista entrega a história de uma mãe imigrante se desculpando com seu filho queer, após negar amor e proteção a ele durante toda sua infância/adolescência em nome de sua crença e ideais conservadores (Genius, 2022). A letra da música é repleta de emoção e conta a história na perspectiva da mãe, que demonstra todo seu arrependimento mandando “amor para John”, que, na história e segundo Sawayama (Genius, 2020), se refere ao namorado de um amigo próximo da cantora.

Quadro 06 - trecho da música “Send My Love To John” (2022)

<b>1</b>	Saw the way the kids treated you every day at school	Vi o jeito que as crianças te tratavam todo dia na escola
<b>2</b>	Should've blamed them, but instead I hid behind the Bible's rule	Eu deveria pôr a culpa neles, mas em vez disso me escondi atrás das regras da Bíblia
<b>3</b>	Ooh, prayed to God above	Ooh, orei ao Deus lá de cima
<b>4</b>	Ooh, but all you needed was my love	Ooh, mas tudo que você precisava era do meu amor

Fonte: Genius (2022, online)  
 Autoria do pesquisador

Assim como afirma Paul B. Preciado (2013) A escola pode ser um lugar brutal para pessoas queer, reproduzindo as violências que são ensinadas pela sociedade. O verso 1, “Saw the way the kids treated you every day at school”, fala da vivência das crianças queer na escola, que é marcada pela reprodução de violências, pois, assim como a igreja, que funciona como mantenedora da ideologia dominante, a escola também é um aparelho ideológico do estado, na verdade, um dos principais (Althusser, 1980). Ou seja, o ódio as pessoas queer, consequentemente será reproduzido na escola, com a finalidade de tentar inibir os indivíduos de suas identidades desviantes da norma social dominante. Nesse contexto, o trecho traz a omissão da mãe diante do cotidiano do filho marcado por bullying, exclusão e perseguição.

A triste realidade vivida pela criança nos mostra que ela passou por uma infância alheia às agressões resultantes de uma imposição da heteronormatividade (Miskolci, 2020). Além disso, a criança/adolescente não poderia contar com o apoio da própria mãe, já que, como diz o trecho 2, “should've blamed them, but instead I hid behind the Bible's rule”, indicando que, ao invés de culpar os agressores, a mãe culpava o próprio filho, mostrando que, mesmo na inocência, as pessoas queer são conotadas de uma natureza maléfica, pois estão sempre vivendo no erro. Para além dessa culpa, a mãe camuflava seu preconceito por meio de sua crença e valores religiosos, nos apontando novamente a problemática de como discursos religiosos

podem ser distorcidos para validar preconceito e violência contra grupos minoritários.

No verso 3, em que a mãe exclama “Ooh, prayed to God above”, pode ser inferido o sentido de que a mãe teria orado em prol de uma “mudança” ou “cura” sobre o filho queer, expondo um conflito entre a aceitação e seus ideais religiosos. Já no verso seguinte, ela completa “but all you needed was my love”, onde podemos entender que, ao invés de dar o amor que se espera que uma mãe dê ao filho, ela cedeu ao preconceito e não conseguiu amar com totalidade ao próprio filho. Tal episódio nos retoma a reflexão sobre os direitos negados a pessoas queer, direito ao básico como o “amor”, nesse caso, amor da própria mãe.

Além disso, Paul B. Preciado (2013) aponta que para a criança queer, diferente das crianças que se encaixam no padrão imposto pelos adultos conservadores, não resta nada além da violência, do abuso, da exclusão. Ademais, Preciado (2013) também fala que nem ao amor dos próprios pais as crianças queer tem direito. Quando levamos isso para instituições que reproduzem a violência e mantêm a ideologia dominante, aparelhos ideológicos como a escola e/ou a igreja, não é surpresa a proteção dos interesses de uma elite política, já que os aparelhos ideológicos exercem um papel importante na naturalização do preconceito e na legitimação de violências simbólicas contra corpos dissidentes (Althusser, 1980).

Refletindo um pouco mais sobre a palavra “amor”, que também é um termo recorrente na Bíblia (2010), podemos perceber que ao negar amor para o próprio filho, a mãe também entra em um paradoxo com seus próprios valores religiosos, já que, de acordo com a primeira epístola de João, capítulo 4, versículo 7: “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor”. O que nos faz pensar que, esse “amor”, de acordo com as igrejas que disseminam discursos de ódio contra a comunidade queer, não se estende a tais corpos dissidentes, nem a pessoas que não seguem as convenções sociais e seus valores tradicionais.

Apesar das controvérsias, a música mostra o arrependimento e um amor tardio de uma mãe imigrante para com seu filho queer, que recebeu a chance de se reconciliar com sua genitora e perdoar o amor que lhe foi negado por tantos anos.

Em suma, como exposto nas análises, podemos perceber que Rina Sawyama, por meio do álbum *Hold The Girl* (2022), expõe violências e desigualdades sofridas por uma vivência queer, principalmente dentro de um contexto em que essas violências são reforçadas por uma represália conservadora

religiosa. Além disso, foi possível notar as formas em que as pessoas queer são demonizadas e desumanizadas em tais cenários.

Em “This Hell”, foi possível perceber que, ainda que tentem viver uma vida cotidiana normal, as pessoas queer serão julgadas por ultraconservadores religiosos, que as colocarão no mesmo patamar que demônios destinados ao inferno e “sofrimento eterno”, além de vilões e inimigos diretos de “Deus”, como exposto nos cartazes em meios públicos, impedindo que, assim como qualquer cidadão, as pessoas queer tenham seus direitos assegurados, como o básico “ir e vir”.

Na segunda análise, “Holy (Til You Let Me Go)”, Sawayama nos mostra as consequências da perseguição que as pessoas queer sofrem no meio ultraconservador religioso, mas ao mesmo tempo, também rejeita que a experiência queer seja resumida a algo demoníaco ou vilanesco, e resiste aos rótulos que impuseram a ela. Sawayama então, rejeita o mal inerente atribuído a ela, rejeita a sua demonização e se encontra novamente na força interior que usa para construir a sua própria “catedral”.

Assim como aponta Michael Warner (1993), a heteronormatividade regula tudo que pode ser considerado “natural”, moralmente aceito. Isso nos leva para a quarta análise “Your Age”, onde Sawayama nega todos os rótulos que a heteronormatividade impõe, afirmando não ser “um segredo”, nem um “problema”, “doença” ou “cura”, todas categorias desumanas que fazem parte de um processo de demonização, em que os indivíduos queer são cunhados de malignos para que assim sejam validadas as violências e formas de perseguição contra um grupo de pessoas.

Além de expôr seus próprios traumas, na finalidade de denunciar violências sofridas pela comunidade queer, Sayama também expõe situações que aconteceram com pessoas próximas a ela. Em “Send My Love To John”, quarta música analisada, Sawayama conta a história de um garoto queer, que teve o amor de sua mãe negado até mesmo durante a infância. Além disso, a música conta que, motivada por tradições e preceitos religiosos, a mãe imigrante não conseguia superar o preconceito e dar amor e apoio ao próprio filho, se arrependendo quando já era tarde demais. Em resumo, a canção mostra o quão desumanizante os discursos de ódio que demonizam as pessoas queer podem ser, negando a esses indivíduos direitos básicos, como o de ter uma família e de serem amados.

#### 4 “GIMME JUST A LITTLE BIT (MORE)”<sup>18</sup>: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música é uma importante ferramenta crítica, principalmente quando se propõe a denunciar desigualdades e problemáticas sociais. Dentro de um contexto conservador religioso em que uma elite dominante reforça a idéia de que um grupo minoritário é maléfico, vilanesco, demoníaco, é necessário vocalizar essas violências e expor formas de perseguição. Pensando nisso, esta pesquisa se propôs a responder à seguinte pergunta: Como a demonização de pessoas queer por igrejas ultraconservadoras é denunciada por Rina Sawayama no álbum *Hold the girl* (2022)? mais especificamente, nas canções “This hell”, “Holy (Til You Let Me Go)”, “Your Age” e “Send My Love to John”. Ao chegar na resposta desta pergunta, a pesquisa concluiu que, ao expôr as violências sofridas por ela e pessoas próximas a ela, Rina Sawayama denuncia a demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras em suas canções de tom crítico, social e político. Ademais, ela também mostra como essa demonização acontece e quais são as suas formas.

A fim de responder o questionamento, foi definido o seguinte objetivo geral: “Investigar como a demonização das pessoas queer por igrejas ultraconservadoras é denunciada no álbum *Hold the girl* (2022) da artista Rina Sawayama”, que foi atingido por meio das investigações dos versos de cada uma das músicas que se encaixavam nos critérios de inclusão e exclusão. Ao atingir o objetivo, foi constatado que a artista denuncia a demonização das pessoas queer expondo situações de sua própria vida e também de amigos próximos, demonstradas nas canções.

Com a finalidade de alcançar o objetivo geral, foram definidos dois objetivos específicos. O primeiro objetivo, propõe discutir os pressupostos teóricos abordados pelos estudos queer, principalmente cisheteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Que foi atingido no capítulo 1 “God Hates us? Alright then!”, onde o pesquisador dialoga com o embasamento teórico da pesquisa, fundamentado em Richard Miskolci (2020), Eli Bruno Prado Rocha Rosa (2020), Judith Butler (2018) e alguns outros.

O segundo objetivo visa identificar os tipos e as formas de demonização de pessoas queer atreladas ao ultraconservadorismo cristão. Foi atingido no capítulo 2 “This Hell is Better With You”. Que trouxe as formas de demonização das pessoas

---

<sup>18</sup> “Me dê um pouquinho (mais)” Para concluir esta monografia, cito um trecho da música “XS”, de Rina Sawayama, que faz uma crítica ao consumismo exacerbado. (tradução nossa)

queer em cada canção analisada, tal qual seus efeitos, sejam eles exclusão, abuso, perseguição ou até mesmo privação de direitos básicos para a população queer.

Quando pensamos na resposta do questionamento da pesquisa, concluímos que Rina Sawayama se utilizou da música para vocalizar não apenas suas dores, mas a de toda uma comunidade, denunciando a perseguição e subjugação desproporcional que as pessoas queer sofrem em nome de um viés religioso. Além disso, a denúncia de Sawayama também proporciona a identificação de tais violências, trazendo uma atenção e visibilidade necessária para que elas sejam propriamente combatidas.

Nem tudo, como podemos notar ao longo desta pesquisa, é simples e fácil. Notamos, ao realizar este trabalho, a escassez de outras obras e materiais acadêmicos que tratam os temas expostos. Apesar disso, esperamos, por meio dos esforços depositados neste estudo, que ele contribua para a temática e campo dos estudos queer em pesquisas futuras. No que diz respeito às minhas dificuldades pessoais, fui atordoado por vários obstáculos do cotidiano, pois trabalho demasiado, sobrecarga da faculdade e demandas sociais culminaram em burnout e episódios depressivos, que consequentemente fizeram parte do resultado final desta pesquisa.

Motivado<sup>19</sup> pelas minhas próprias vivências, decidi realizar essa pesquisa e sempre tive uma idéia muito clara de para onde queria ir, que caminho seguir, mas não, obviamente, dos resultados. Almejo com essa pesquisa, contribuir não só dentro do campo acadêmico queer, mas também trazer justiça e atenção às violências e problemáticas que foram vividas não apenas por mim, mas que foram e continuam sendo vividas por inúmeras pessoas queer. Hoje, assim como Rina Sawayama, compreendo o que vivi e posso falar sobre a experiência queer com propriedade e segurança enquanto pesquisador parte dessa comunidade maior, e essa é minha maneira de lutar e resistir contra um mundo cheio de violência e desigualdade.

---

<sup>19</sup> Me refiro neste parágrafo a minhas próprias reflexões pessoais, por isso, utilizo um tom pessoal e a primeira pessoa do singular.



## REFERÊNCIAS

ABC News. Mormon 'Gay Cure' Study Used Electric Shocks Against Homosexual Feelings. **ABC News**. 28 mar. 2011. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Health/mormon-gay-cures-reparative-therapies-shock-today/story?id=13240700>>. Acesso em: 25 out. 2025.

ABDALA, Vitor. Há 35 anos, OMS deixava de considerar homossexualidade uma doença. **Agência Brasil**. 26 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-05/ha-35-anos-oms-deixava-de-considerar-homossexualidade-uma-doenca#:~:text=Há%2035%20anos%2C%20OMS%20deixava%20de%20considerar%20homossexualidade%20uma%20doença.-Dia%20Internacional%20de&text=No%20dia%2016%20de%20maio.ao%20lado%20do%20número%20302.0.>>. Acesso em: 25 out. 2025.

ALTHUSSER, Louis. *Os aparelhos ideológicos de Estado*. In: ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980. p. 41-52.

BBC NEWS. **Rina Sawayama: 'Therapy made me realise I was groomed at 17'**. Youtube. 29 de set. de 2023. 16min38s Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C1xkUP5ffFM>>. Acesso em: 25 out. 2025.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025. 125p. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>>. Acesso em: 28 de out. 2025.

BÍBLIA. 1 João. In: **Bíblia Sagrada RA**: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Biblia-Sagrada-RA-Almeida-Rev-Sociedade-Biblica-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada RA**: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Biblia-Sagrada-RA-Almeida-Rev-Sociedade-Biblica-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

BÍBLIA. Êxodo. In: **Bíblia Sagrada RA**: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Biblia-Sagrada-RA-Almeida-Rev-Sociedade-Biblica-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

BÍBLIA. João. In: **Bíblia Sagrada RA**: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Biblia-Sagrada-RA-Almeida-Rev-Sociedade-Biblica-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2024.

CAMBRIDGE, University of. **About | Magdalene College**. Disponível em: <https://www.magd.cam.ac.uk/about>>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CAMPINAS, G1. **Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração: “Era um demônio”**. G1. 21 Jan. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

COHEN, Cathy J. **“Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics?”** In: GLQ - A Journal of lesbian & gay studies, Vol. 3. Canada: Overseas Publishers Association, 1997, p. 437-465.

CUDDON, John Anthony. **Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. London: Penguin, 2013.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.).

**Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2024.

DICTIONARY.COM. **Demonization**. Disponível em:

<https://www.dictionary.com/browse/demonization>>. acesso em: 8 jan. 2025.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FARLEY, Harry. Gay conversion therapy: Hundreds of religious leaders call for ban. **BBC**. 16 dez. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-55326461>>. Acesso em 1 nov. 2025.

FEDERAL, Governo. **Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTIA+ no Brasil, em 2022**. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **XS Lyrics**. 2020. Disponível em:  
<<https://genius.com/Rina-sawayama-xs-lyrics>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **Hold The Girl album**. 2022. Disponível em:  
<<https://genius.com/albums/Rina-sawayama/Hold-the-girl>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **Holy (Til You Let Me Go) Lyrics**. 2022. Disponível em:  
<<https://genius.com/Rina-sawayama-holy-til-you-let-me-go-lyrics>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **Send My Love To John Lyrics**. 2022. Disponível em:  
<<https://genius.com/Rina-sawayama-send-my-love-to-john-lyrics>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **This Hell Lyrics**. 2022. Disponível em:  
<<https://genius.com/Rina-sawayama-this-hell-lyrics>>. Acesso em 8 jan. 2025

GENIUS. **Your Age Lyrics**. 2022. Disponível em:  
<<https://genius.com/Rina-sawayama-your-age-lyrics>>. Acesso em 8 jan. 2025

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIDA, F. (2017). **Entre música e literatura**: uma abordagem intermediária. Soletras, [S.l.], n. 32, pp. 242-256. Disponível em:  
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/25188>>. Acesso em: 8 de jan. 2025. <https://doi.org/10.12957/soletras.2016.25188>. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2016.25188>

HALPERIN, D. M. **Saint Foucault**: towards a gay hagiography. New York: Oxford University Press, 1995.

IFTIKHAR, A. **Rina Sawayama makes passionate plea for marriage equality on stage in Japan**. Disponível em:  
<<https://www.thepinknews.com/2022/08/22/rina-sawayama-summer-sonic-festival-lgbt-speech-marriage-equality/>>. acesso em 8 jan. 2025

IRVIN, JACK. **Rina Sawayama Creates Songs to Represent the “Queer” Experience**: “I Just Want to Do Meaningful Work”. Disponível em:  
<<https://people.com/music/rina-sawayama-creates-songs-to-represent-the-queer-experience/>>. acesso em 8 jan. 2025.

JOHN, Elton. **Chosen Family** – Rina Sawayama ft. Elton John. 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.eltonjohn.com/stories/chosen-family>>. Acesso em 1 out. 2025.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Jacques Le Goff; tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP : Edusc, 2005.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento Queer**. Salvador: Editora Devires, 2020.

MACHADO, L; GONÇALVES, A; BONARD, L; LAGE, R; GLOBONEWS. **A cada 38 horas, uma pessoa LGBTQIA+ morre no Brasil**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/noticia/2024/05/14/a-cada-38-horas-uma-pessoa-lgbtqia-morre-no-brasil-mostra-serie-de-toda-cor.ghtml>>.

MATOS, Caio. **Os homossexuais na visão de Bolsonaro**. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/>>. acesso em 8 jan. 2025.

MEGARRY, D. **Rina Sawayama is the future of queer pop**. Disponível em: <<https://www.gaytimes.com/culture/rina-sawayama-is-the-future-of-queer-pop/>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MG2. **Cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/cerca-de-90-das-travestis-e-transexuais-do-pais-sobrevivem-da-prostituicao.ghtml>>. Maio de 2018. Acesso em 20 de out. 2025.

MINOIS, Georges. **História do Inferno**. Tradução de Fernando Santos. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUTANT LIBERATION BEGINS. *in*: X-MEN '97. Criação de Beau DeMayo. Direção de Chase Conley. 2024. 33 min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pela Disney+. Acesso em 9 jan. 2025.

MTV NEWS. **Rina Sawayama on Her Multicultural Upbringing & Second Album 'Hold the Girl' ❤️ The Method**. YouTube, 19 ago. 2022. 20min52s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnj-zQjzrpE>. Acesso em: 11 out. 2025.

NCA. **Communities Respond to Westboro Baptist Church's Hate Speech** - National Communication Association. Disponível em: <<https://www.natcom.org/publications-library/communities-respond-westboro-baptist-churchs-hate-speech>>. Acesso em: 1 nov. 2025.

Oliveira, S. R. (2020). **Literatura e música**: união indissolúvel. Revista Internacional em Língua Portuguesa, (37), 93-114. <<https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2020.37/pp.93-114>> DOI: <<https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2020.37/pp.93-114>>.

PRECIADO, P. B.; NOGUEIRA, F. F. M. Quem defende a criança queer? **Jangada**: crítica | literatura | artes, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 96–99, 2013. Disponível em: <<https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>>. Acesso em: 6 maio 2025.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. **Cisheteronormatividade como instituição total**. Cadernos PET-Filosofia, [S. l.], v. 18, n. 2, 2020. DOI: 10.5380/petfilo.v18i2.68171. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171>>. Acesso em: 8 jan. 2025.

STRAUSS, M. **Rina Sawayama Announces New Album Hold the Girl, Shares New Song “This Hell”**: Listen. 18 de maio. 2022. Disponível em: <<https://pitchfork.com/news/rina-sawayama-announces-new-album-hold-the-girl-shares-new-song-this-hell-listen>>. Acesso em: 27 out. 2025.

WARNER, M. **Fear of a Queer Planet**: Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1993.

WEISS, A. **Rina Sawayama Is Not the Asian Britney Spears**. The New York Times. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/08/02/style/rina-sawayama-pop-star.html>>. acesso em 8 jan. 2025.

### **Referência do *corpus* da investigação**

**HOLD The Girl**. Intérprete: Rina Sawayama. Londres, Inglaterra: Dirty Hit, 2022. Cassete, Vinil, CD, (46:04). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/0JO5WJ19NtFRtVYOnw24xS?si=LHxWrhjEQRONeqtTvgxcag>. Acesso em: 8 jan. 2025.